

RELATÓRIO DA II SEMANA DE ESTUDOS
INEP/EATEP

TEMA: OBJETIVOS DA ESCOLA PRIMÁRIA - CURRÍCULO E
PLANO PILOTO DA EATEP

PERÍODO: 25 A 30 DE MARÇO DE 1968

DIRETOR DO INEP:

DR. CARLOS CORRÊA MASCARO

Representantes da USAID:

Dr. Monroe D. Cohen

Dr. Frank T. Lane

Coordenadora Geral dos Trabalhos

Profª. Lyra Paixão

Membros da EATEP responsáveis pelo desenvolvimento dos
trabalhos:

Profas. Edith Berner

Maria Yvonne Atalécio de Araujo

Diva de Moura Diniz Costa

Relatório da II Semana de Estudos EATEP

I- Objetivos:

- . Estudar a situação do ensino primário no Brasil, em geral, e nos Estados participantes, em particular.
- . Estudar os currículos adotados nas Escolas Primárias Estaduais e procurar adaptá-los ao nível de capacidade da maioria das crianças que frequentam essas escolas, começando com o currículo da 1ª série.
- . Estudar os diversos meios de treinamento do professor em exercício.
- . Estudar e selecionar o material de ensino necessário ao desenvolvimento dos currículos.
- . Estudar os meios de avaliação existentes no país e providenciar a atualização ou elaboração de testes e provas de maturidade e escolaridade.
- . Estudar as fichas de avaliação do sistema escolar primário e as fichas de acompanhamento do aluno, elaboradas pela EATEP e já utilizadas em Vitória e Porto Alegre.

II- Organização

LOCAL - sede da EATEP: Travessa Guimarães Natal, nº 12 - Copacabana - GB.

Período - 25 a 30 de março de 1968.

Promotores: INEP/EATEP/CONTEP

Participantes:

. Membros da EATEP:

Maria Yvonne Atalécio de Araujo
Diva de Moura Diniz Costa
Maria Divanete Vieira
Edith Berner
Lyra Paixão

. Representantes da USAID:

Monroe D. Cohen
Frank T. Lane

. Grupo da Secretaria da Educação de Pernambuco:

Alayde Gouveia Machado
Erenice Soares Bastos
Maria Angela Mello
Angela Alencar Neta
Aurora Tabosa
Jacyrá da Silva Câmara

. Grupo da Secretaria da Educação do Espírito Santo:

Maria da Glória Cunha
Izette Pralon Santos
Regina Lúcia Gianordoli
Bernardete Gomes
Gilvete Rodrigues Bastos
Aida Sant'Anna
Maria Tosta de Almeida

. Professôras da DAP-CRPE João Pinheiro Belo Horizonte:

Maria de Lourdes Almeida
Elza de Bastos

. Secretárias das reuniões:

Martha Albuquerque (sessões da manhã)
Eunice da Conceição Macedo Rosa (sessões da tarde).

. Secretária datilógrafa:

Laura Maria da Silva Maia

. Encarregada da parte administrativa:

Estelanita Maria Barreto Marques

. Contadores:

Walbert Burkhardt e Silva
Eliomar Brito Viana

. Desenhistas e decoradoras:

Leticia Barbosa Campos
Helena Guimarães de Miranda

. Responsável pelos trabalhos mimeografados:

Lourdes Pinto Siqueira

As despesas com passagens e estada dos participantes foram custeadas pelo INEP/RATEP, utilizando-se fundos do "CONTA" num total de NCr\$ 10 049,50 (dez mil e quarenta e nove cruzeiros novos e cinquenta centavos),

assim distribuídos:

Passagens	8 Diárias (30% de sal. mí- nimo da GB).	Ajuda de custo	Outras despesas (materiais, ser- viços de tercei- ra, etc.	Total
NCr\$	NCr\$	NCr\$	NCr\$	NCr\$
3.424,00	3.843,00	500,00	2.282,00	10.049,50

Durante a Semana, estiveram em exposição livros e materiais de orientação e planejamento, elaborados pelas Secretarias de Educação de Pernambuco e Espírito Santo.

Responsáveis pela elaboração dos materiais utilizados durante a Semana e pela condução das discussões sobre currículo e objetivos da escola primária: Maria Yvonne Atalécio de Araújo
Edith Berner

III- Desenvolvimento

Os trabalhos se desenvolveram de acordo com a agenda seguinte:

II Semana de Estudos EATEP

A G E N D A

09h às 10h 15m	<p style="text-align: center;"><u>SEGUNDA-FEIRA</u></p> <p style="text-align: center;"><u>Sessão plenária</u></p> <p>Situação da Educação Primária no Brasil: Plano-Piloto.</p> <p style="text-align: center;"><u>Plano Piloto nos Estados</u></p> <p>Apresentação do trabalho já realizado - equipes: Pernambuco, Espírito Santo.</p>	<p style="text-align: center;"><u>TERÇA-FEIRA</u></p> <p style="text-align: center;"><u>Painel-Forum</u></p> <p>Currículo de Ontem e de Hoje</p> <p>Currículo - qualidade e organização das experiências</p>
10h 15 10h 30	C A F É	
10h 30 às 12 h	<p style="text-align: center;"><u>Preleção-Forum</u></p> <p>Pontos Básicos do Currículo - apresentação - debate</p>	<p>Continuação dos trabalhos</p>
12 às 14h	A L M Ô Ç O	
14h às 15h 30m	<p style="text-align: center;"><u>Painel-Forum</u></p> <p>Objetivos da Educação Primária no Brasil</p> <ul style="list-style-type: none"> . objetivos gerais . objetivos do currículo . objetivos de ensino 	<p style="text-align: center;"><u>Painel-Forum</u></p> <p>A Criança e o Currículo</p> <ul style="list-style-type: none"> - conceito de prontidão - diferenças individuais - testes e avaliação <ul style="list-style-type: none"> - agrupamento - promoção
15h 30 15h 45	C A F É	
15h 45 às 17h 30m	<p>Continuação dos trabalhos</p>	<p style="text-align: center;"><u>Preleção-Forum</u></p> <p>Organização do Currículo da Primeira Série</p>

	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA
9h às 10h 15m	<u>Discussão em grupo</u> O Professor e o Currículo	<u>Sessão Plenária</u> Apresentação dos problemas identificados Equipes: Pernambuco Espírito Santo
10h 15 10h 30	C A F É	
10h 30 às 12h	<u>Discussão em grupo</u> A Supervisão e o Currículo	<u>Trabalho em grupo</u> Medidas para o Implemento do Currículo
12 12h 15 12h 30	A L M Ô Ç O	
14h às 15h 30m	<u>Trabalho em grupo</u> Análise de Problemas Relacionados com o Currículo na Escola Primária	Continuação dos trabalhos
15h 30 15h 45	C A F É	
15h 45 às 17h 30m	Identificação dos problemas pelas equipes Prioridades	Apresentação do andamento do trabalho de cada equipe

	SEXTA-FEIRA	SÁBADO
9h às 10h 15m	<u>Trabalho em grupo</u> Continuação do trabalho: Medidas para o Implantação do Currículo	Discussão das conclusões finais
10h 15 10h 30	C A F É	
10h 30 às 12h	Continuação dos trabalhos	Redação final
12h às 14h	A L M Ô Ç O	
14h às 15h 30m	Redação das conclusões de cada equipe	
15h 30 15h 45	C A F É	
15h 45 às 17h 30m	Apresentação das conclusões de cada equipe	

Os debates e o resumo das atividades de cada sessão en con tra m - s e r e l a t a d a s em anexo, fruto das â n o t a ç õ e s das Secretárias das sessões da manhã e da tarde.

Atividades extras:

Dia 26, terça-feira, das 20h às 23h:

Mesa redonda para discussão de problemas ligados à edu ca ç ã o prim á r i a, sendo focalizados particularmente os fenômenos de evasão e repetência.

Participantes:

Emerson Nunes Coelho - Prof. de Filosofia da Educação - PUC e diretor de Divulgação da Cia. Hidroelétrica de Furnas.

Rinaldo De Lamare - Médico Pediatra e Presidente da Associação de Amparo à Criança.

Augusto Rodrigues - Desenhista, Caricaturista e Jornalista - Diretor da Escolinha de Arte do Brasil.

Maria Clara Machado - Artista, Autora e Diretora teatral.

Zivaldo Alves Pinto - Advogado, desenhista e jornalista.

Alexis Stepanenko - Sociólogo, pesquisador e membro da Equipe de Planejamento do Ensino Médio (Convênio MEC-USAID).

Dia 28, quinta-feira, às 18h

"Cocktail" em casa do Dr. Monroe D. Cohen, onde os grupos participantes da Semana tiveram oportunidade de encontrar outros educadores e de trocar idéias informalmente.

Dia 29, sexta-feira, às 15h

Visita da prof^a. Anamira Barros Evangelista assessora da Coordenação Executiva e Encarregada do Setor de Bibliotecas de COLTED e de Miss Luella Keithanhn, da USAID, que falaram sobre o programa de livros didáticos e sobre os planos futuros da COLTED.

Conclusões:

A II Semana de Estudos INEP/ENADE delimitadas registradas, por seus participantes, as seguintes conclusões:

1- Análise dos problemas identificados durante a Semana e esquema de desenvolvimento das atividades do Plano Pilôto em Vitória e Recife.

2- Necessidade de:

- a- Situar o Plano Pilôto de Vitória na Secretaria da Educação;
- b- conscientizar o pessoal administrativo da Secretaria da Educação e das Escolas que participarão da experiência;
- c- levar o professor envolvido no Plano a sentir a importância do seu papel no contexto geral;
- d- reformular os currículos para torná-los adequados às crianças a que servirão;
- e- dar maior importância às artes e recreação;
- f- oferecer oportunidade às supervisoras e professoras para manifestação de idéias e sugestões que enriqueçam o currículo;
- g- levar o professor a conhecer o valor dos testes como diagnóstico, para melhor atendimento às necessidades de aprendizagem da criança;
- h- proceder ao levantamento do material já existente, relativo a testes de maturidade e de escolaridade, e providenciar a atualização e elaboração de novos.

3- Formação de hábitos e atitudes como princípio básico para a aprendizagem da criança.

4- O registro das diversas fases do Plano Pilôto será de importância primordial para apresentação dos resultados, no fim do ano, ao Sr. Secretário e ao Conselho Estadual de Educação.

5- Durante todo o desenrolar das atividades, as professoras das classes experimentais deverão sentir o apoio constante do Grupo da Secretaria e das Supervisoras para que não caia o ritmo do trabalho e não se perca o controle dos acontecimentos.

Finalmente:

No decorrer da semana foi patente não só o aproveitamento dos participantes, como também a compreensão da filosofia do Plano Pilôto e da responsabilidade de cada pessoa nêle envolvida. Os dois grupos revelaram maturidade profissional, quer na apresentação e avaliação de trabalhos, quer na aceitação de sugestões para a melhoria de certas medidas.

Observações -

A nosso vez, constituíram fatores de êxito da Semana de Estudos os pontos seguintes:

1- A vinda à GB dos dois Grupos responsáveis pela execução do Plano Pilôto da EATEP em Vitória e Recife, os quais tiveram aqui melhores condições de trabalho, uma vez que não havia solicitações de outras atividades, como acontece quando os técnicos se reúnem nos seus locais de trabalho.

2- A oportunidade de os dois Grupos se reunirem para troca de experiências e planejamento conjunto.

3- O material preparado pelos técnicos da EATEP e que orientou o pensamento dos participantes e os debates em torno dos assuntos propostos.

Rio de Janeiro, 3 de abril de 1968.

Lyra Paixão
Coordenadora Técnica da EATEP

EATEP
LP/lm

DESPESA PÚBLICA COM O ENSINO E A CULTURA

1- DESPESA DO MEC, segundo as funções - 1965/1966

ESPECIFICAÇÃO	D E S P E S A (Ncr\$)			
	Fixada		Realizada	
	1965	1966	1965	1966
ENSINO PRIMÁRIO	71.384.491	62.474.100	69.811.741	62.404.100
ENSINO MÉDIO	105.801.715	103.890.515	89.909.599	107.655.728
ENSINO SUPERIOR	190.567.102	219.140.466	188.468.390	219.398.773
Total do MEC	417.968.106	457.431.563	396.211.611	454.487.671

2- DESPESA FIXADA DO MEC à conta dos fundos nacionais de ensino, segundo o grau, por UNIDADES DA FEDERAÇÃO - 1965/1966

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	DESPESA FIXADA (Ncr\$)							
	TOTAL		SEGUNDO O GRAU DE ENSINO					
	1965	1966	PRIMÁRIO		MÉDIO		SUPERIOR	
			1965	1966	1965	1966	1965	1966
D. FEDERAL	3.605.250	11.467.570	2.000.000	2.050.000	1.594.500	1.853.000	10.750	7.564.570
GUANABARA	14.784.285	17.564.294	1.960.000	585.500	2.896.000	2.823.750	2.928.285	14.155.044
MINAS GERAIS	21.647.747	23.078.733	6.469.000	5.060.000	6.689.500	8.221.500	8.489.247	9.797.233
RIO DE JANEIRO	5.948.710	6.676.202	2.055.000	1.593.000	1.248.000	2.458.000	2.645.710	2.625.202
BRASIL	235.121.939	240.663.912	71.584.491	62.681.100	80.158.106	72.570.879	83.379.342	105.411.933

3- DESPESA REALIZADA PELO MEC à conta dos fundos nacionais de ensino, segundo o grau, por UNIDADES DA FEDERAÇÃO - 1965

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	DESPESA REALIZADA (Ncr\$)			
	TOTAL	SEGUNDO O GRAU DE ENSINO		
		PRIMÁRIO	MÉDIO	SUPERIOR
D. FEDERAL	3.592.750	2.000.000	1.584.526	8.224
GUANABARA	14.624.630 ⁽¹⁾	1.900.000	2.816.745	9.907.885
MINAS GERAIS	21.249.174	6.437.704	6.555.140	8.256.330
RIO DE JANEIRO	5.884.494	2.037.013	1.218.261	2.629.220
BRASIL	225.495.795	69.911.741	73.971.292	81.612.762

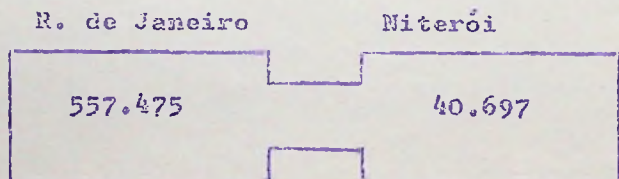
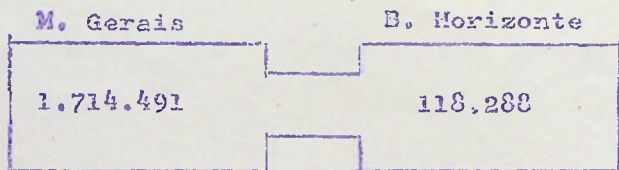
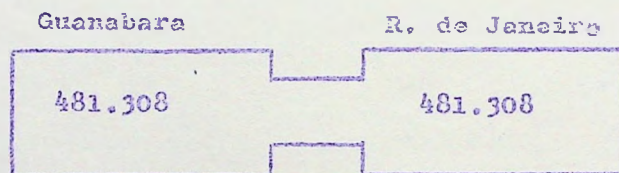
(1) Inclusive Ncr\$ 100.000 relativos à educação de excepcionais

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil - 1967 - FUNDAÇÃO IBGE que utilizou os dados do SERVIÇO DE ESTATÍSTICA DA EDUCAÇÃO E CULTURA - DADOS coligidos dos Orçamentos e Balanços Gerais da República.

MATRÍCULA NOS 4 ESTADOS

E NAS 4 CAPITAIS

EM 1965



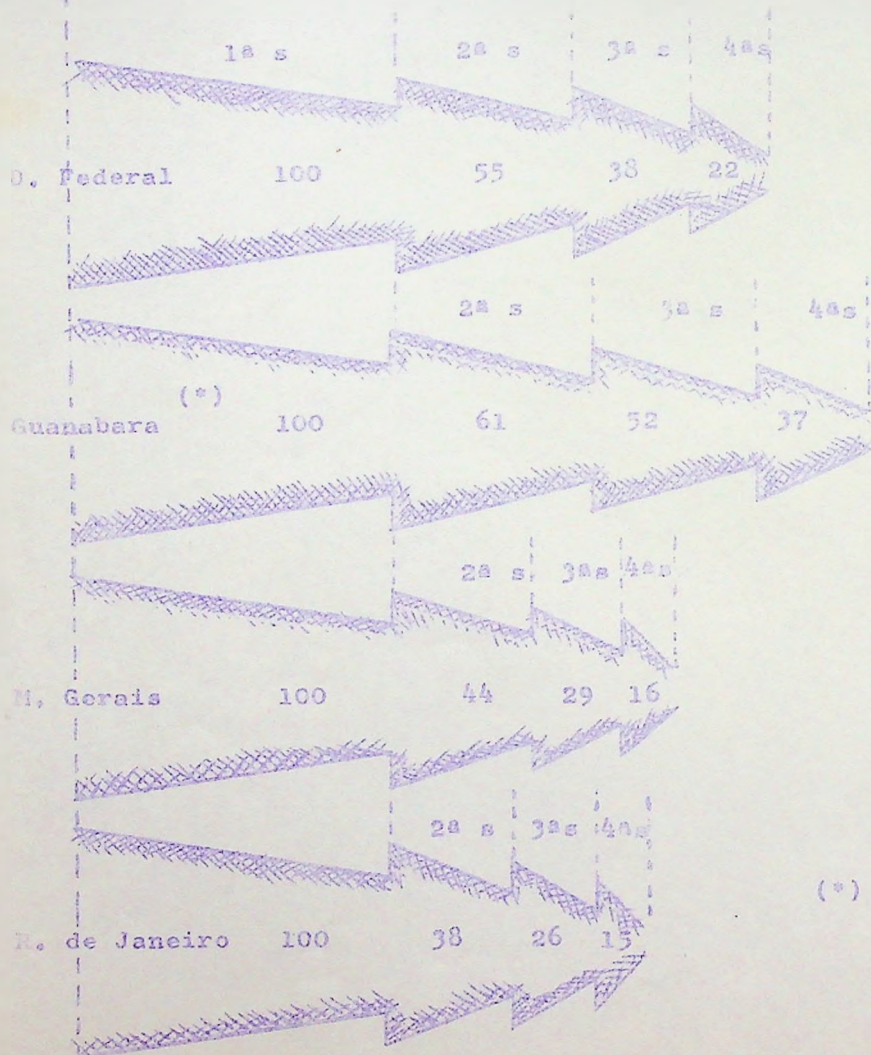
(POPULAÇÃO GERAL ESTIMADA PARA 1965)

D. Federal	-
Guanabara.....	3.768.000
Minas Gerais.....	10.747.000
Rio de Janeiro ...	4.027.000

Brasília	295.000
R. de Janeiro	3.826.000
B. Horizonte.....	956.000
Niterói.....	280.000

FLUXO DOS ALUNOS PELAS SÉRIES ESCOLARES.

EM RELAÇÃO A 100 MATRÍCULAS DE 1ª SÉRIE



Fonte: Índices calculados sobre resultados do Censo Escolar - 1964 - Vol. II (tabela publicada nos Anais da II Conferência Nacional de Educação, Porto Alegre, 1966 - vol. 1, pág. 114)

(*) Os índices da Guanabara foram calculados sobre dados estatísticos referentes a 1962 - Anuário Estat. do Brasil - 1964.

SITUAÇÃO DO ENSINO PRIMÁRIO, POR SÉRIE - 1965

UNIDADES DA FEDERAÇÃO

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	MATRÍCULA NO INÍCIO DO ANO					MATRÍCULA NO FIM DO ANO					APROVAÇÕES				
	Total	1ª	2ª	3ª	4ª	Total	1ª	2ª	3ª	4ª	Total	1ª	2ª	3ª	4ª
D. FEDERAL	36.005	13.136	8.132	6.784	4.908	36.751	13.562	8.140	6.796	4.630	23.325	7.182	5.563	4.684	3.184
GUANABARA	481.308	111.960	97.216	82.467	87.976	466.435	133.426	93.005	70.988	76.836	98.254	25.649	18.899	17.706	15.751
M. GERAIS	1.714.491	875.098	372.714	269.154	159.371	1.480.061	775.905	322.206	233.994	123.129	924.536	386.323	227.618	173.218	118.643
RIO DE JANEIRO	557.475	288.346	110.347	80.071	53.044	520.857	259.786	104.895	75.995	50.874	440.566	206.275	93.336	67.801	46.935

SITUAÇÃO DO ENSINO PRIMÁRIO POR SÉRIE - 1965

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	MATRÍCULA NO INÍCIO DO ANO					MATRÍCULA NO FIM DO ANO					APROVAÇÕES				
	Total	1ª	2ª	3ª	4ª	Total	1ª	2ª	3ª	4ª	Total	1ª	2ª	3ª	4ª
BRASÍLIA	36.005	13.136	8.132	6.784	4.908	36.751	13.562	8.140	6.796	4.630	23.325	7.182	5.563	4.684	3.184
RIO DE JANEIRO	481.308	111.960	97.216	82.467	87.976	466.435	133.426	93.005	70.988	76.836	98.254	25.649	18.899	17.706	15.751
B. HORIZONTE	118.288	50.126	27.206	21.571	16.509	125.251	52.311	28.414	23.564	18.133	86.807	27.455	22.032	18.647	16.493
BITERGI	40.697	13.466	9.785	7.815	5.980	38.960	11.420	9.195	7.123	5.490	34.498	10.415	8.662	6.780	5.226

SITUAÇÃO DO ENSINO PRIMÁRIO - 1965

UNIDADES DA FEDERAÇÃO

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	MATRÍCULA NO INÍCIO DO ANO	MATRÍCULA NO FIM DO ANO	APROVAÇÕES	UNIDADES ESCOLARES			Corpo docente em exercício no magistério		
				Total	zonas urbana e sub.	zona rural	Total	Norma-listas	Leigas
D. FEDERAL	36.005	36.751	23.325	130	103	27	1.286	1.281	5
GUANABARA	481.308	466.435	98.254	1.254	1.254	-	16.042	12.329	3.713
M. GERAIS	1.714.491	1.480.061	924.536	16.181	3.445	12.736	48.218	26.937	21.281
R. DE JANEIRO	557.475	520.867	440.566	4.633	2.434	2.199	17.917	11.804	6.113

SITUAÇÃO DO ENSINO PRIMÁRIO - 1965

MUNICÍPIOS DAS CAPITALS

MUNICÍPIOS DAS CAPITALS	MATRÍCULA NO INÍCIO DO ANO	MATRÍCULA NO FIM DO ANO	APROVAÇÕES	UNIDADES ESCOLARES			Corpo docente em exercício no magistério		
				Total	zonas urbana e sub.	zona rural	Total	Norma-listas	Leigas
BRASÍLIA	36.005	36.751	23.325	130	103	27	1.286	1.281	5
R. DE JANEIRO	481.308	466.435	98.254	1.254	1.254	-	16.042	12.329	3.713
B. HORIZONTE	118.282	125.251	86.807	262	243	19	4.319	4.079	240
NITERÓI	40.697	36.960	34.498	126	115	11	1.702	1.513	189

II Semana de Estudos EATEP

A G E N D A

9h às 10h 15m	<u>SEGUNDA-FEIRA</u>	<u>TERÇA-FEIRA</u>
	<p align="center"><u>Sessão plenária</u></p> <p>Situação da Educação Primária no Brasil: Pla no-Piloto.</p> <p align="center"><u>Plano-Piloto nos Estados</u></p> <p>Apresentação do trabalho já realizado - equi pes: Pernambuco, Espírito Santo.</p>	<p align="center"><u>Painel-Forum</u></p> <p>Currículo de Ontem e de Hoje</p> <p>Currículo - qualidade e organização das experiências</p>
10h 15 10h 30	C A F É	
10h 30 às 12h	<p align="center"><u>Preleção-Forum</u></p> <p>Pontos Básicos do Currículo - apresentação - debate</p>	Continuação dos trabalhos
12h às 14h	A L M Ô Ç O	
14h às 15h 30m	<p align="center"><u>Painel-Forum</u></p> <p>Objetivos de Educação Primária no Brasil</p> <ul style="list-style-type: none"> . objetivos gerais . objetivos de currículo . objetivos de ensino 	<p align="center"><u>Painel-Forum</u></p> <p>A Criança e o Currículo</p> <ul style="list-style-type: none"> - conceito de prontidão - diferenças individuais - testes e avaliação <ul style="list-style-type: none"> - agrupamento - promoção
15h 30 15h 45	C A F É	
15h 45 às 17h 30m	Continuação dos trabalhos	<p align="center"><u>Preleção-Forum</u></p> <p>Organização do Currículo da Primeira Série</p>

	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA
9h às 10h 15m	<u>Discussão em grupo</u> O Professor e o Currículo	<u>Sessão Plenária</u> Apresentação dos problemas identificados Equipes: Pernambuco Espírito Santo
10h 15 10h 30	C A F É	
10h 30 às 12h	<u>Discussão em grupo</u> A Supervisão e o Currículo	<u>Trabalho em grupo</u> Medidas para o Implemento do Currículo
12h às 14h	A L M Ô Ç O	
14h às 15h 30m	<u>Trabalho em grupo</u> Análise de Problemas Relacionados com o Currículo na Escola Primária	Continuação dos trabalhos
15h 30 15h 45	C A F É	
15h 45 às 17h 30m	Identificação dos problemas pelas equipes Prioridades	Apresentação do andamento do trabalho de cada equipe

	SEXTA-FEIRA	SÁBADO
9h às 10h 15m	<u>Trabalho em grupo</u> Continuação do trabalho: Medidas para o Im- plemento do Currí- culo	Discussão das conclusões finais
10h 15 10h 30	C A F É	
10h 30 às 12h	Combinações dos trabalhos	Redação final
12h às 14h	A L M Ô Ç O	
14h às 15h 30m	Redação das conclusões de cada equipe	
15h 30 15h 45	C A F É	
15h 45 às 17h 30m	Apresentação das conclusões de cada equipe	

"II SEMANA DE ESTUDOS DA COLTED"

Conferência pronunciada pelo Dr. Ruy Baldaque,
Diretor - Executivo da COLTED - 5-3-68

Tema: "Objetivos Atuais e Futuros da COLTED"

Minhas Senhoras
Meus Senhores

Aqui estamos reunidos em torno de um tema profundamente ligado ao Problema da Educação em nosso País: a COLTED - Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático.

Sobre seus objetivos terci a satisfação de lhes falar agora.

As transformações marcantes por que passa o mundo moderno, visíveis sobretudo na busca de novas conquistas da ciência e da tecnologia, exigem da escola uma adaptação às mudanças que se fazem sentir, ou seja, uma reformulação das teorias básicas educacionais, a fim de que a educação seja de fato, um processo global de realização humana, que considere o educando inserido na vida social, econômica e política de seu País.

Quem conhece o panorama geral da escola brasileira, sabe da precariedade de nosso sistema educacional, face às exigências atuais.

Um dos fatores que contribui para essa precariedade é a deficiência do livro didático. Deficiência proveniente, de um lado, de sua má qualidade e, de outro, da dificuldade de seu acesso ao aluno, motivada, não só pelo baixo poder aquisitivo de nossa população, mas também pela quase impossibilidade de se fazer chegar esse às regiões mais longínquas de País.

É sabido que a falta de livros impede a caminhada de milhares de estudantes; no sentido de seu desenvolvimento intelectual, e, conseqüentemente, limita as possibilidades de progresso do Brasil.

Valorizando, nos devidos termos, esse problema -- verdadeiro desafio desta geração -- o Ministério da Educação e Cultura, sob a liderança do Ministro Tarso Dutra, desenvolveu um programa de dimensões nacionais, cujo objetivo maior é distribuir gratuitamente livros a todos os estudantes do nível elementar, abaixo do custo aos estudantes do nível médio e livros a preço de custo aos estudantes universitários.

E, para que fosse exequível um projeto de tal envergadura, o Ministério da Educação firmou um convênio com o Sindicato Nacional dos Editores de Livros e com a USAID, em função do qual está prevista, e já iniciada, a distribuição de milhões de livros, numa primeira etapa.

A COLTED - Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático - tem como objetivo a coordenação e a execução de todas as atividades do Ministério da Educação e Cultura, que se relacionam com a produção, a editoração, o aprimoramento e a distribuição de livros didáticos e técnicos em todo o país; cabendo-lhe controlar e executar os programas estabelecidos pelos órgãos signatários do Convênio. Representa a COLTED, nesse desempenho, os propósitos do Ministério da Educação e Cultura, de proporcionar ao estudante brasileiro os meios indispensáveis a sua formação e ao desenvolvimento de sua cultura.

I - BIBLIOTECAS

Inicialmente foi elaborado um programa de aplicação dos recursos no qual se indicou, como primeiro passo, a criação de núcleos de bibliotecas-amostra a serem distribuídas, diretamente, às escolas do País, observando os critérios estabelecidos pelo Plano Nacional de Educação.

Objetivando dar cumprimento ao referido Plano de Educação, procedeu-se à seleção de títulos que deveriam compor cada biblioteca. Convencionou-se também, que os títulos selecionados seriam aqueles já publicados e que obedeceriam rigorosamente a um critério técnico-pedagógico. Esse trabalho de seleção a cargo de comissões técnicas de diversas Diretorias do MEC foi realizado em duas etapas e a ele tiveram acesso todas as Editoras do País, através das obras por elas publicadas e enviadas à apreciação da COLTED.

A primeira etapa estendeu-se de janeiro a junho de 1967 quando foram selecionados e adquiridos aproximadamente 2.500.000 volumes para comporem as primeiras 7.975 bibliotecas assim distribuídas:

NÍVEL ELEMENTAR:

INEP	5.000	
PAMP	<u>1.000</u>	6.000

NÍVEL MÉDIO:

SECUNDÁRIO	1.500		
COMERCIAL	300		
INDUSTRIAL	100		
AGRÍCOLA	<u>75</u>	1.975	7.975

A segunda etapa desenvolveu-se de junho a outubro de 1967, quando foram selecionadas perto de 3.000 títulos para as novas 14.100 bibliotecas, assim distribuídas:

NÍVEL ELEMENTAR:

INEP	10.000	
PAMP	<u>1.000</u>	11.000

NÍVEL MÉDIO:

SECUNDÁRIO	2.000	
NORMAL	1.000	
COMERCIAL	300	
AGRÍCOLA	35	
INDUSTRIAL	<u>100</u>	3.435

NÍVEL SUPERIOR:

MILITARES :		589	
		<u>91</u>	15.055

Nessa segunda etapa houve uma modificação no processo de seleção. Criou-se uma Comissão Avaliadora, diretamente ligada à COLTED, composta por um número de técnicos indicados pelo órgão de MEC, os quais constituíram três grupos de trabalho - uma para cada nível de ensino. Com isto, visou-se a imprimir maior velocidade ao problema de seleção de títulos, e possibilitar, no mesmo, um critério mais uniforme na constituição das bibliotecas.

Voltando aos números, verificamos, portanto, que há um total de 23.030 bibliotecas com 9.000.000 volumes no valor de NCr\$ 21.000.000,00 (Vinte e um milhões de cruzeiros novos) e que estão começando a espalhar-se pelas escolas de todo o Brasil. Assim, já foram entregues, até à presente data, cerca de 9.000 bibliotecas, estando as 14.000 restantes em fase de distribuição.

Compõe-se a biblioteca-COLTED de aproximadamente 400 livros considerados os melhores pelos membros das Comissões a que me referi anteriormente. Lembro ainda que essas Comissões foram constituídas por elementos técnicos pertencentes às diferentes áreas de ensino e a campos especializados do conhecimento.

Para facilitar e auxiliar a organização e catalogação das obras distribuídas, acompanha a biblioteca um pequeno livro, com instruções sobre o assunto.

Para acompanhar a entrega de cada uma das 23.030 bibliotecas foi elaborado também questionário, cujas respostas estão sendo utilíssimas aos nossos passos futuros.

É tão forte nosso desejo de que a utilização do livro tenha o aproveitamento integral, que estamos entregando agora, a um conhecido especialista a elaboração de um livro-texto completo para explicar o uso correto de livros didáticos. Será obra piloto, destinada a servir a todos os beneficiários do programa COLTED.

Como elemento de informação, deve ressaltar que cabe às Secretarias de Educação de cada Estado indicar as escolas a serem contempladas com as bibliotecas. A COLTED solicitou que, na referida seleção se estabelecessem os seguintes critérios de prioridade:

- ESCOLAS DA REDE PÚBLICA: Federal, Estadual e Municipal
- ESCOLAS COM MAIOR NÚMERO DE MATRÍCULAS.

Para atender ao complexo problema da distribuição, a COLTED firmou contrato, através de concorrência pública, com uma firma particular. Assim, os livros chegam diretamente à escola, acondicionados numa caixa estante, isto é, numa caixa modulada que, uma vez aberta, se transforma na estante da biblioteca da COLTED.

Exposta essa primeira fase dos trabalhos cabem aqui, parece-me, algumas considerações sobre sua execução que envolvem aspectos positivos e também negativos.

PONTOS NEGATIVOS:

- Quanto à indicação das escolas que deveriam receber as bibliotecas COLTED: as Secretarias de Educação, em sua maioria, não estavam aparelhadas para atender a essa solicitação e, em alguns casos, apresentaram critérios de seleção e distribuição bastante falhos;
- Quanto às próprias escolas: em boa parte, estas, e o respectivo professorado não estavam preparados para o recebimento e utilização das bibliotecas COLTED;
- Quanto à COLTED: não possuía uma estrutura administrativa e técnica, capaz de atender à velocidade do desenvolvimento do seu programa.

PONTOS POSITIVOS:

- 1- Esta primeira fase propiciou à COLTED maior conhecimento global do campo do livro didático, seja quanto às editoras existentes, seja quanto à bibliografia publicada por elas, ou quanto à capacidade do parque editorial e gráfico brasileiro. Pôde-se assim, sentir as carências flagrantes de títulos em certas áreas de ensino.
- 2- A distribuição feita diretamente pela COLTED, que só paga à firma distribuidora contra o recibo da própria escola, permitiu um perfeito controle do desenvolvimento de toda a operação.
- 3- A formidável injeção financeira de 21 milhões de cruzeiros novos (já totalmente pagos) na indústria editorial e gráfica, em pouco mais de seis meses, veio ampliar de maneira substancial o investimento no campo específico do livro didático e técnico.

- 4- Sendo a qualidade da obra, a base do critério de seleção, o programa COLTED possibilitou a participação da pequena e média editoras, capacitando-as a se aparelharem para uma atuação mais intensa no programa do livro didático.
- 5- Considere-se, ainda, o agradável impacto causado pelo recebimento da biblioteca, a professores e alunos contemplados, criando-lhes novas motivações e entusiasmos; em muitos casos, pela primeira vez, recebiam eles uma contribuição efetiva e direta para o seu aperfeiçoamento cultural.

Seria ocioso discorrer sobre o valor da biblioteca na escola como elemento dinamizador, não só do ensino, como também da própria cultura na comunidade, onde a escola está inserida.

As bibliotecas COLTED têm ainda algumas características especiais que examinaremos a seguir:

- a) 70% de seus livros são técnicos-didáticos, e que lhes retira os aspectos de uma biblioteca comum.
- b) Visa a colocar ao alcance de professores a maior variedade de obras didáticas, permitindo-lhes, ainda, participar com melhor conhecimento e autoridade da escolha do livro texto a ser distribuído a todos os alunos - pois o grande objetivo da COLTED - é colocar o livro na mão do aluno.

Por ser a biblioteca COLTED, ainda, uma biblioteca-amstr, o seu alcance para o ensino é limitado em vários sentidos, sobretudo porque atinge a reduzido número de pessoas - desde que ela se destina, por sua própria natureza, principalmente à utilização por parte dos professores. No entanto, é o aluno - o estudante, que constitui o centro das atenções do programa da COLTED. E como resolver o problema do aluno quanto à falta de livros? Colocando-lhe nas mãos o seu livro. Isto significará o acesso livre à fonte do seu próprio desenvolvimento educacional e integral e, em última análise, propiciará sua participação futura nos destinos do país. O livro do aluno é a solução.

Sob outro aspecto, ocorre, também que, face à escassez de recursos financeiros, é considerável a redução do custo dos livros adquiridos em grande escala. Assim, com os mesmos recursos, mais livros beneficiando maior número de estudantes.

No caso do livro-texto, há ainda a registrar a maior participação do professor, que, ao utilizar-se mais eficientemente do livro didático, vai-se envolvendo automaticamente no programa da COLTED. Este não significa apenas a distribuição de obras existentes, mas visa, também, a criar condições para o surgimento de novos livros - adequados a uma nova pedagogia. Em outras palavras: a dinamização e disseminação do livro didático se fará sempre de forma evolutiva - desde que o livro vai ser julgado, através da própria prática, na sala de aula, pelo maior número de professores. É a prática informando a teoria.

Com base nestas ponderações, a COLTEB traçou metas quantitativas e qualitativas.

METAS QUANTITATIVAS:

Os livros para o nível elementar serão de distribuição gratuita: para o nível médio serão vendidos a preço abaixo do custo, e finalmente, para o nível superior, a preço de custo.

Cada aluno do curso primário receberá um texto básico de linguagem, cálculo e estudos sociais. Estas matérias poderão estar englobadas num livro único ou em volumes separados.

Para os alunos do nível médio - 1ª e 2ª ciclos - serão escolhidos, em princípio, 5 livros, um para cada matéria obrigatória.

METAS QUALITATIVAS:

De que maneira o livro didático, na mão do aluno e do professor, pode tornar-se um fator de reformulação e aperfeiçoamento dos programas de ensino?

- A aquisição de livros em grandes tiragens proporciona a baixa de custo, e isto representa uma economia de recursos, que podem ser dispendidos pela COLTEB em outros tipos de projetos, tais como: o estímulo à pesquisa e às experiências, das quais poderá surgir a elaboração de novas obras. Um programa de novos títulos, dentro de um novo conceito metodológico, exigirá uma reformulação dos programas de formação de professores, assim como dos próprios programas e currículos escolares. Não será, pois, a reforma dos programas que decidirá a reforma de livro didático, mas o livro didático renovado, que irá informar novos programas escolares.
- Outra meta fundamental é a realização de seminários, cursos, encontros, etc., visando ao aperfeiçoamento do magistério, o que possibilitará a melhor utilização do livro didático.

INSTRUMENTOS:

Desta forma, a fim de atender às metas a que se propôs, a COLTEB já está criando alguns novos instrumentos de trabalho:

- a) acham-se em fase de implantação as Comissões Estaduais de Avaliação COLTEB (CEAC'S), que deverão instalar-se em todos os Estados e no Distrito Federal. As CEAC'S funcionarão junto às Secretarias de Educação, integrando-as no programa COLTEB, a fim de que a seleção de títulos para a distribuição dos livros destinados aos alunos seja feita através de representantes do professorado de cada Estado.

As CEAC'S têm como finalidades imediatas:

- levantar o número de escolas existentes e de alunos matriculados, nos níveis de ensino primário e médio;
- verificar quais os livros indicados pelos professores de cada escola, que serão adquiridos para as grandes tiragens;
- divulgar a bibliografia de livros técnicos e didáticos lançados pelas editoras nacionais;
- realizar cursos e seminários sobre a utilização dos livros técnicos e didáticos.

As CEAC'S serão constituídas por 7 membros, 3 indicados pela Secretaria de Educação, de cada Estado, 3 indicados pelo Conselho Estadual de Educação, e 1 coordenador representante do MEC.

Para a consecução de suas finalidades as CEAC'S poderão valer-se da assessoria de professores e técnicos nos diversos ramos de ensino.

Imediatamente após a conclusão dos trabalhos nos Estados, a indicação dos livros para as grandes tiragens, será integrada em nível regional, com representantes de cada CEAC e da Comissão Nacional de Avaliação (CONAC) - outro órgão representativo de âmbito nacional a ser criado pela COLTED.

b) a avaliação final dos títulos selecionados será efetuada por essa Comissão Nacional de Avaliação.

Finalmente, não posso deixar de considerar, para a realização de tão importantes metas a necessidade de uma participação efetiva de todos os órgãos e setores federais e estaduais, bem como de todos os elementos ligados ao problema educacional.

Creio firmemente que o sucesso do programa COLTED, fazendo chegar às mãos de cada estudante brasileiro o seu livro, desencadeará as reações e motivações imprescindíveis a uma transformação de todo o contexto do desenvolvimento e da política educacional brasileira.

E porque espero haver-lhes transmitido a idéia básica do que é a COLTED, quais os seus objetivos, o que tem realizado e o que vai realizar, coloco-me, agora, com o maior prazer à disposição dos presentes, para responder às perguntas que queiram formular.

Encerrada a palestra, foi colocada a palavra à disposição dos presentes, tendo dela feito uso, em primeiro lugar, a Prof^a. Laura Russo. Esta manifestou o desejo de saber quando a COLTED atingirá o seu objetivo de colocar livros diretamente em mãos de estudantes, e não apenas em simples bibliotecas. Respondeu o Prof. Ruy Baldaque que este é o grande objetivo da COLTED, cujo trabalho, nesse sentido, será iniciado ainda neste ano. A Prof^a. Laura Russo indagou de como poderia fazer essa distribuição e qual seria a participação dos bibliotecários nesse trabalho. Respondeu o Prof. Ruy Baldaque que, para isso, foram criadas as CEAC'S Estaduais - responsáveis

pela coordenação dessa entrega. A seguir falou o Prof. Samuel Pfrom, desejando saber como a COLTED pretendia enfrentar o problema da escolha de uma política: se do livro único ou de variedade de livros. O Prof. Ruy Baldaque esclareceu, em resposta, que a COLTED é contra o livro único, eis que as CDAC'S dedicarão sobre os títulos a serem escolhidos para a compra de acordo com as conveniências de cada Região. Apenas, terá que ser estabelecida uma disciplina, de forma a serem obtidas tiragens econômicas. A seguir falou a Prof^a. Lúcia Marques Pinheiro, que indagou até que ponto a Comissão pode interferir ou modificar a escolha quando feita por professores despreparados; se a Comissão Nacional de Avaliação julgará o livro por seu valor intrínseco ou pelos resultados obtidos com sua utilização, esclarecendo que há livros tão bons que estão acima do nível do professor, que, por isso, não sabe utilizá-los. O Prof. Ruy Baldaque disse que todos os aspectos serão avaliados na seleção, inclusive o gráfico, técnico e econômico que a COLTED pretende assegurar-se de que forneceu ao aluno o livro que melhor atende a ele e ao professor. Falou o Delegado da Bahia, Prof. Francisco de Sá Telles, aduzindo que, não obstante ter sido muito clara a exposição do Prof. Ruy Baldaque, desejaria saber como será feita a supervisão de forma a que realmente seja atingido o objetivo de que o aluno é o alvo de todas as atenções. O Prof. Ruy Baldaque adiantou que essa supervisão será feita através da assessoria de vários organismos, utilizando-se ainda da instituição de cursos para professores, diversificando as formas de supervisão de acordo com as necessidades de cada Região. Referiu-se, então, o Prof. Ruy Baldaque aos entendimentos que vem mantendo com o Prof. Marcílio Velloso, Diretor do PAMP - Programa de Aperfeiçoamento do Magistério Primário, no sentido de um convênio, a fim de que ele possa ampliar suas atividades, atingindo um número cada vez mais de professores leigos. O Prof. João Jesus de Salles Pupo, a seguir, relatou que na cidade de Lins, Estado de São Paulo, a Diretora da escola, logo após receber a Biblioteca COLTED, recebeu também algumas doações feitas pelo USIS, entusiasmando-se tanto que resolveu abrir a biblioteca ao público. Por seu turno, a comunidade iniciou trabalho no sentido de aumentar a biblioteca e hoje o pequeno núcleo da biblioteca COLTED está transformado em Biblioteca Pública Municipal, indagando, após esse relato, se a COLTED pretende mobilizar recursos da comunidade, o Prof. Ruy Baldaque respondeu relatando outro caso, este ocorrido no Nordeste, em que a Professora resolveu receber a biblioteca COLTED em ato público, para o qual convidou as autoridades do Município. Dessa solenidade resultou que a comunidade contribuiu para a construção de uma nova sala na escola, exclusivamente para a biblioteca. Referiu-se, ainda, o Prof. João Jesus de Salles Pupo ao problema de custo dos livros, especialmente no que diz respeito ao ensino médio e superior, Respondendo, o Prof. Ruy Baldaque informou que a COLTED, provocando um aumento de tiragem, fazia com que os editores pudessem reduzir o seu custo operacional, e, conseqüentemente, o preço de venda ao público. A Prof. Jandira Ávila começou por relatar que na I SEMANA DE ESTUDOS COLTED tinha sido a única representante do Estado de Santa Catarina e que, já agora, nesta II Semana, tem um colega de re -

9.

apresentação, mas que observou em seu Estado um grande desinterêsse por parte de seus colegas nos assuntos aqui tratados. Com base nisso, perguntou se os elementos que compoem as CEAC'S não deverão ser, inicialmente, convocados aos seminários, para melhor se prepararem, e se a escolha dõesses elementos sofrerá influência política.

O Prof. Ruy Baldaque respondeu que a COLTED é um organismo técnico, que deseja cumprir seus objetivos. Que a escolha de elementos está sendo feita de acôrdo com valores, sendo exigido, preliminarmente, de todos os participantes, um curriculum-vitae. Com relação à convocação aos seminários, esclareceu que antes de se iniciarem os trabalhos das CEAC'S, serão realizados pelo menos 4 seminários regionais, com a participação de todos os componentes dessas comissões.

* * *

Fonte: COLTED

Copiado em: 5/4/68
lm

ARTE É COISA MENTAL
MAS COMEÇA NA VISÃO

(depoimento de Augusto Rodrigues)

- Antes de entrar na escola eu recebi como presente de Natal um livro cujo título era "Eu sei ler". Este livro me deu vontade de aprender a ler. Quando entrei na escola, porém, a professora era sombria com a professora soturna, comecei a entender que queriam me ensinar tudo que não me interessava e impedir que eu fizesse tudo aquilo que gostava. Eu amava, por exemplo, um rio que ficava perto de minha casa. Mas em verdade, aquilo que mais me seduzia era desenhar. Entre os meus desenhos alguns eram caricaturas, frutas talvez de um inconformismo com a escola coercitiva. Para mim, desenhar era uma forma de encontrar a mim mesmo. Uma forma de comunicação e uma forma de identificação com o mundo circundante. Mas eu não podia desenhar na escola. Ela estava interessada apenas no ler, escrever e contar. Quando a professora me interpelava, quando pedia respostas para problemas que ela criava, mal sabia ela que eu havia fugido pela janela, no doce devaneio de ver o rio, as árvores tocadas pelo vento, as campinas, os cajueiros em flor, enfim, toda a beleza da cidade do Recife. Depois já não me contentava com essa evasão simbólica. Faltava à escola para em liberdade, viver a infância. Fui expulso de várias escolas mas jamais poderei esquecer uma que me aceitou como visitante. A diretora, descobrindo que eu gostava de desenhar e de escrever, me encaminhou à classe que nessa ocasião estava motivada para fazer um jornal. Dias depois, porém, pedia que eu participasse de um grupo que ia preparar a terra e plantar.

- Meu pai, que era poeta, não queria que eu viesse a ser um artista. Ele associava o sofrimento à arte. Mas em compensação, os papéis e tintas que eu recebia quando estava nos engenhos e que chegavam sem indicação do remetente, vim saber muito depois que ele os enviava.

- Desajustado na escola, procurei o artista Percy Lau, que tinha em Recife um "atelier" comercial para sobreviver. Nesse "atelier" executava os mais diversos serviços. Pintava portas, grades, fazia quadros de formatura, ilustrações, desenhos para publicidade, modelos de bordados e quaisquer outros em que o desenho e a pintura tivessem relação. Após as tarefas de rotina, tínhamos os estudos de modelo e as conversas sobre arte. Atraímos para esse "atelier" todos os artistas locais. E organizamos um movimento que em 1934 realizava em Pernambuco o seu I Salão de Arte Moderna,

salão êsse que viria criar o primeiro impacto e a primeira aproximação do público de Recife com a arte moderna. Nesse mesmo ano, numa feira de amostra no Rio de Janeiro, expunha três desenhos e recebia em seguida um cartão elogioso de Guignard, que veio a ser o primeiro grande estímulo da minha vida de artista profissional.

- Em 1935 tomei um ita no Norte e fui parar no Rio Grande do Sul, como auxiliar de Manoel Bandeira (o desenhista) e de Luis Jardim, para decorar o Pavilhão da Pernambuco nas comemorações do centenário da Farrroupilha. Do Rio Grande do Sul vim para o Rio de Janeiro, onde ingressei na imprensa como caricaturista. Mas ao lado do trabalho de jornal fazia desenhos, expunha nos salões e em exposições coletivas e procurava contato com os melhores artistas -- Guignard, Di, Segall, Portinari e outros, no afã de adquirir conhecimentos e trocar idéias. Tinha os olhos abertos e uma profunda preocupação, não apenas de fazer arte mas também de participar de um movimento que me parecia válido, porque além da possibilidade de expressão individual representava uma tentativa de expressão cultural de um grupo.

VITÓRIA

- Obtive projeção como artista. Alcancei os prêmios que todos ambicionam. Mas em verdade permaneci fiel aos princípios e propósitos de fazer arte sem transigir, sem atender a interesses menores. É possível que o trabalho de imprensa, sobretudo a caricatura, tenha criado alguns condicionados mas ainda assim, jamais êsses condicionamentos chegaram a traír o artista. Na guerra, por exemplo, eu me desdobrei fazendo a caricatura política mas a intenção era que nessa guerra se devia, antes de tudo, salvar o homem, ameaçado pelo fascismo que era a negação daquilo que é essencial ao homem, a sua liberdade e o exercício de sua força criadora. Desgraçadamente, depois da última guerra, nem o artista nem o homem como esta ainda liberto dos resíduos do nazismo ou do fascismo. Eu não quero dizer que obrigatoriamente o artista deva ser um ser político mas êle está indissolúvelmente ligado, como homem, às implicações de ordem social. Durante a guerra eu me lembro de ter dito que só os anjos poderiam ser neutros. Agora sou capaz de entender melhor. Jamais o homem deve ser neutro. Só a paixão pode levar o homem a entender as coisas, a penetrar na essência das coisas.

COMO VER A OBRA DE ARTE

- É preciso um grande esforço para fazer ou ver arte. É a paixão que alimenta êsse esforço. É preciso estar de olhos abertos e isento de preconceitos para ver a obra de arte. Dizia Leonardo que arte é coisa mental mas em verdade o processo natural acontece na visão. No mundo atual, o homem é tão cercado do pré-fabricado, das imagens da televisão, dos jornais, do cinema, que êle perde aquela pureza inerente à infância, de ver as coisas na sua verdade.

E por ser a obra de arte algo que exprime o essencial das coisas, torna-se complexa. Mas pouco adianta explicar a complexidade de uma obra para torná-la mais acessível. Ela tem que falar por si mesma. O crítico, quando criador, pode aguçar a sensibilidade do espectador para os fenômenos de criação. Mas em verdade a obra de arte é que deve provocar o impacto e é um processo dinâmico e particular que leva o espectador a se interrelacionar com a obra de arte. O crítico pode bailar em torno da obra de arte mas dança mesmo é a obra de arte. Pode-se ler sobre um quadro, mas na hora de vê-lo só éle, o quadro, conta. E para vê-lo bem é preciso estar só e em silêncio para que a relação possa vir a ser íntima e profunda. O homem, obrigatoriamente, tem implicações sociais. Para o artista o mais importante é a obra de arte em si mesma mas éle não pode trair o homem. É mais, só é grande o artista quando éle transcende o artista. O quadro deve manter o homem em permanente estado de perplexidade. A obra de arte é um desafio permanente ao espectador. Daí a dificuldade de se explicar a obra de arte. Não é que eu veja a obra de arte como coisa sobrenatural. Mas o homem, quando criador, abre perspectivas infinitas aos demais homens.

Matisse dizia que é preciso ver sempre com os olhos da criança. Eu prefiro dizer que melhor seria ver sempre com os próprios olhos. E concordo com Matisse que é muito difícil, e exige muito esforço, sobretudo no mundo atual, ver as coisas na sua verdade. Mas a criança, com a sua visão pura, simples e direta, vê e deg sobre o que é essencial nas coisas. E perde essa qualidade porque a escola substitui essa forma simples de agir se trocar a experiência viva por todo um sistema complexo de imagens e conceitos pré-fabricados. Quase que poderíamos dizer que as escolas tentam explicar o mundo à criança num quadro negro. O mundo, cheio de interesse para a criança, vai sendo reduzido a um círculo de giz. Pequeno e vasto. E a criança se perde no amaranhado de preconceitos e de imagens pré-fabricadas, onde mal se podem vislumbrar os seus primeiros impulsos -- impulsos puros e generosos de conhecer o mundo para melhor amá-lo. Ensina-se a criança a desenhar um cavalo como se ela não o conhecesse. Impõe-se que cada uma se pareça com a outra, ou seja, que se desdigne, perdendo a imagem a ser preservada, a do ser criador. Sobre essa descaracterização da criança, lembro-me de um relato dramático de um professor que visitou numa escola uma exposição de desenhos. Havia dezenas de desenhos representando um pato. Todos parecidos uns com os outros. Quando o professor perguntou a uma das crianças qual era o seu desenho, a criança aturdida e angustiada, tentou encontrá-lo. E quando apontou para um deles ocorreu ao professor, das as dúvidas da criança durante a busca, perguntar porque sabia que aquele era o seu desenho. A criança respondeu: eu tinha as mãos sujas e lá o meu desenho está sujo. A escola que nós temos promove esse fatal e terrível desencontro do homem consigo mesmo.



ALGUMAS NOTAS SOBRE AUGUSTO RODRIGUES

Augusto Rodrigues é um homem que tem muita coisa a dizer. E nem só sobre arte. Entende que o artista não deve trair o homem mas antes ser-lhe fiel, participando de qualquer movimento que objetiva dignificar a condição humana. Daí sua adesão à caricatura política.

tica durante a guerra. Era a sua contribuição à luta antifacista. Mais tarde traduziu seu amor à liberdade nas escolinhas de arte, estabelecimentos que fundou no Brasil, inspirado em exemplo inglês. Até hoje continua empenhado em defender as crianças contra uma forma de educação que lhes tira a liberdade em troca de preconceitos. Ocupando-se de diversas atividades ao mesmo tempo, não negligenciou o desenho. Renovou-o continuamente, à custa de muito trabalho e incansáveis pesquisas. Conseguiu uma intimidade com os materiais que lhe permite criar as formas mais ricas, animadas de ritmo, com a maior simplicidade. É um desenho do século XX com a pureza dos clássicos.

O acervo de experiências desse homem está ao alcance de quem o procura, no acolhedor sobrado do tranqüilo Largo do Boticário. Augusto Rodrigues sempre dispõe de tempo para conversa fiada, que cresce de animação à medida que ele oferece ~~numerosas~~ mais cerveja. O difícil é tentar recolher parte dessa experiência para documentar em jornal ou revista. As visitas, constantes e numerosas, e telefone que não pára, tornam quase impossível um diálogo contínuo e ordenado. Eis o que foi possível obter para GAM, em mais de uma visita à casa de Augusto Rodrigues.

* * *

Material transcrito da Revista G A M (GALERIA DE ARTE MODERNA)/4
Em 3/4/1968./lm

ESQUEMA DO DESENVOLVIMENTO DO PLANO PILÓTO

Grupo de Vitória

Providências:

I- ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR

- A. Conscientizar os diversos órgãos administrativos dos objetivos gerais da educação. Situar o plano na Secretaria.
- B. Despertar o interesse dos mesmos para o implemento do plano piloto.
- C. Orientar, através de reuniões, os professores e diretores para esclarecimento do plano piloto e ficha de Avaliação do Sistema de Ensino.
- D. Fazer levantamento de dados para a escolha de classes de 1ª série das escolas, obedecendo aos critérios de meio sócio-econômico.
- E. Dar conhecimento da realização do plano aos professores e diretores do Estado.

II- ORIENTAÇÃO

- A. Elaborar um novo currículo
- B. Apresentar o planejamento da equipe central com os orientadores que irão supervisionar os trabalhos.
- C. Reunir os diretores para a aceitação das medidas a serem tomadas.
- D. Orientar os professores das escolas escolhidas para aplicar o plano piloto.

III. EXECUÇÃO DO PLANO

- A. Dar assistência direta e constante durante o desenvolvimento do plano.

IV- AVALIAÇÃO

Acompanhar o plano piloto em todos os seus passos e registrar os resultados; procurar divulgá-los de modo a atingir todo o professorado.

Em 30/3/1968

ESQUEMA DO DESENVOLVIMENTO DO

"PLANO EXPERIMENTAL" SENEC/EATEP

Recife - Pernambuco

I- OBJETIVOS:

- A. Possibilitar através de encontros e reuniões, duas supervisoras do Núcleo do Recife, a orientar as professoras envolvidas no "Plano Experimental" da EATEP/SENEC visando provar a tese de que a professora assistida fará um trabalho mais eficiente.
- B. Colocar as crianças de 20 classes de 1ª série da Capital, em situação de experiência, visando a um melhor aproveitamento, e, conseqüentemente diminuição do índice de evasão e repetência, através da aplicação do "Plano Experimental" da EATEP/SENEC.
- C. Dar maior atenção à área de Linguagem considerada como fator básico para o desenvolvimento integral da criança destacando a importância de seu relacionamento com as outras áreas.
- D. Levar ao professorado o conhecimento da situação das 1ªs séries em relação a evasão e repetência através de exposição e debates com o fim de pôr em prática o "Plano Experimental" da EATEP-SENEC".
- E. Conscientizar a professora através de encontros informais, do valor da supervisão, para melhoria de sua atuação na sala de aula.
- F. Tomar conhecimento da situação geral das classes observando-as de maneira sistemática a fim de orientar devidamente suas regentes.
- G. Planejar, orientar e avaliar, cooperativamente, as atividades a serem desenvolvidas nas diferentes áreas visando um melhor rendimento do trabalho experimental.
- H. Assistir, através de técnicas de supervisão, o pessoal envolvido no "Plano Experimental" EATEP/SENEC, visando provar a tese de que a professora assistida fará um trabalho mais eficiente.

II- CAMPO DE AÇÃO

A. Área de Cordeiro:

- Unidades Escolares:

6	- Esc. Rdas. Centro Social São Sebastião	- 3 classes
	- G.E. Barros de Carvalho.....	- 3 classes
	- Esc. Rdas. Centro Educativo Operário do Cordeiro.....	- 3 classes
	- G. E. Trajano Chacon	- 3 classes
	- Esc. Rdas. Manuel Arão	- 6 classes
	- Esc. Rdas. Júlio de Assis,	- 3 classes
	formando o total de	21 classes

B. Critérios de escolha da área:

- baixo nível sócio-econômico
- estrangulamento do fluxo na 1ª série
- de fácil acesso aos trabalhos de supervisão

C. Classes de controle -

- 20 classes comuns na mesma área de ação

Observação: Os critérios acima relacionados são os mesmos previstos na "Recomendação nº 1" do "Plano Experimental da EATEP/SENEC."

III- IMPLEMENTO DO PLANO

- A. Trabalho direto com duas supervisoras do Núcleo do Recife que orientarão as vinte professoras de 1ª série, selecionadas para a execução do "Plano Experimental" da EATEP/SENEC.
- B. Visitas às classes envolvidas no "Plano Experimental" da EATEP/SENEC pelos membros da D.C.S.
- C. Visita diária de cada supervisora a duas classes experimentais das 10 que cabem a cada uma supervisionar.
- D. Reuniões semanais com as professoras para o planejamento das atividades.
- E. Encontros semanais das supervisoras para troca de experiências.
- F. Elaboração de quadros, calendários, relatórios, etc. para o trabalho de supervisão.
- G. Confeção de material escolar com as professoras.

- H. Estudo da equipe
- I. Reunião semanal com as especialistas da D.C.S.
- J. Reunião semanal com a coordenação do "Plano Experimental."
- K. Reuniões com outros membros da D.C.S.
- L. Observação sistemática às salas de aula.
- M. Orientação às professoras nas diferentes áreas de currículo.

IV- CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

A. Aspectos gerais do currículo:

- Situação da Educação Primária no Brasil e a influência da leitura nessa problemática.
- Objetivos e responsabilidades da Escola Primária.
- Fatores que interferem na aprendizagem.
- Agrupamento dos alunos na classe para aula de leitura.
- Conceito de leitura.
- Passos básicos para uma aula de leitura.

B. Linguagem:

Esta parte será incluída mais tarde.

C. Matemática:

- Iniciação ao estudo dos conjuntos
- Sistema de numeração
- Operações fundamentais
- Valor posicional até 99
- Fração
- Estudo de medidas
- Introdução ao estudo de Geometria.

D. Estudos Sociais:

- Objetivos dos Estudos Sociais na 1ª série
 - conhecimentos
 - atitudes
 - habilidades

- Unidades:
 - Escola
 - Família
 - Comemorações

E. Ciências Naturais:

- Unidades:
 - "Como descobrimos as coisas"



- Matéria e Energia

F. Práticas Educativas:

- Objetivos
- Atividades sugeridas com estudo das técnicas
 - Desenho
 - Pintura
 - Colagem
 - Dramatização
 - Modelagem
 - Recorte
 - Bandinha rítmica
 - Recreação e Jogos

V- AVALIAÇÃO

A. O que avaliar

- A- Atividades realizadas
- B- Pessoal em ação
 - 1- Técnicos
 - 2- Supervisores
 - 3- Dirigentes de unidades escolares
 - 4- Professores
 - 5- Alunos

B. Quando avaliar

- A avaliação deve ser contínua e constante
 - Teste de prontidão - ABRIL
 - Testes de níveis de escolaridade - JUNHO - SETEMBRO - NO
VEMBRO

C. Como avaliar - através de:

- A - Relatórios
- B - Discussões
- C - Questionários
- D - Observação

- 1- Ficha de acompanhamento do aluno
- 2- Observação Ocasional
- 3- Atividades realizadas pela criança

E - Testes

- 1- Prontidão
- 2- Níveis de escolaridade

D. Quem deve avaliar

- A - A avaliação deve ser cooperativa
- B - Todo pessoal envolvido no plano

Em 30/3/1968

PONTOS DE DESTAQUE

Manhã de 30/3/68

- 1- Apresentação dos problemas identificados e conclusões sobre o "Guia para análise de problemas relacionados com o currículo na escola primária."

- 2- As conclusões das duas equipes, Pernambuco e Espírito Santo, que englobam, de maneira geral:
 - a) conscientização do professor sobre a sua situação funcional e sobre os métodos de aprendizagem;
 - b) reformulação constante e implemento do currículo; especial atenção a Jogos e Recreação;
 - c) melhor entrosamento da supervisão com a orientação e destas com as autoridades;
 - d) oficialização dos cargos de supervisoras e orientadoras;
 - e) atribuição de verbas para dinamizar o serviço;
 - f) a necessidade de intercâmbio de idéias entre os participantes do processo educacional;
 - g) a responsabilidade de educadores e leigos na problemática da educação.

* o o

PONTOS DE DESTAQUE

Manhã de 29/3/68

1. Continuação dos debates sôbre os problemas relacionados ao currículo, focalizando:
 - a) conteúdo;
 - b) organização do conteúdo;
 - c) resumo dos problemas identificados com o resultado da análise precedente e com os passos iniciais a serem tomados ao planejar a mudança.
2. Necessidade de avaliação da escola, através de pesquisas e testes, que evidenciem o rendimento do trabalho docente e discente.
3. Estímulo à troca de experiências entre os mestres, quanto aos processos empregados com êxito em relação à aprendizagem.
4. Falhas da administração geral leiga como incremento à formação urgente de técnicos.
5. A urgência de se esclarecer o professor quanto à situação educacional brasileira, através da legislação vigente.

* * *

PONTOS DE DESTAQUE

Tarde de 29/3/68

1. Necessidade de formar habilidades na criança. Um guia de currículo ajuda muito o professor em seu trabalho, sobretudo quando apresenta uma unidade de trabalho, como Lourdes o fez.
2. Importância, constituição e dinâmica da COLTED - D. Ammira faz um histórico para que se torne conhecida a Comissão do Livro Técnico e Didático. Pedidas sugestões para que o trabalho da COLTED seja mais eficiente. Parte de Lourdes que é apoiada pelas participantes da semana de estudos, a sugestão para que os livros sejam doados à escola que os emprestará aos alunos e teria, assim, sua biblioteca sempre e cada vez mais enriquecida.
3. D. Yvonne explica, em linhas gerais, o trabalho - O papel do currículo no implemento do Plano Pilôto. Partindo das idéias aí expressas as participantes da semana planejam o currículo em seus Estados.

PONTOS DE DESTAQUE

Manhã de 28/3/68

1. Estudo em grupo sobre um "Guia para análise de problemas relacionados com o currículo na escola primária."
2. Início dos debates sobre as conclusões do tema acima proposto.
3. Dificuldades quanto ao entendimento do questionário apresentado e sugestões para modificar alguns aspectos de sua redação.

PONTOS DE DESTAQUE

Tarde de 28/3/68

- 1) Apresentados na Sede da USAID filmes sobre recursos audiovisuais de línguas e matemática e o bom emprego do quadro negro. Dr. Cohen apresenta o chefe do Serviço de Pesquisas da USAID - Dr. Howard Leavitt.
2. Pesquisa - Dr. Leavitt fala rapidamente sobre isso, destacando a importância de o prof. pesquisar na própria sala. Apresenta um quadro estatístico sobre evasão e repetência. Não interessam os dados diz ele, mas o processo aqui empregado; além disso, a pesquisa desperta o interesse do professor para resolver melhor os problemas de seus alunos.
3. Comentário de D. Lyra a respeito da ficha que as professoras de 1ª ano dos Estados participantes desta semana preencherão. Trará pormenores muito interessantes essa pesquisa sobre as causas da evasão e repetência.
4. Evasão e repetência consideradas pesquisas que cada professor pode fazer em sua sala. Maria de Lourdes fala do processo usado em Minas para classificar os alunos.

PONTOS DE DESTAQUE

Manhã de 27/3/1968

1. Sugestão de medidas para reformular a mentalidade do professor primário em relação ao currículo moderno.
2. O desempenho da orientação e da supervisão no acompanhamento ao professor, como veículo de sua integração ao novo currículo.
3. A orientação e a supervisão funcionando junto ao professor como elementos, que agem para complementar o seu trabalho e ampliar os seus recursos.
4. A orientação e a supervisão como estimulantes da renovação docente, atuando numa das áreas mais complexas do currículo - a Linguagem.
5. A importância do material a ser usado pelo professor.
6. O livro-texto, seleção e utilização.
7. A supervisão - suas possibilidades de êxito, seu significado no Plano Piloto.

* * *

PONTOS DE DESTAQUE

Tarde de 27/3/68

- 1) Trabalho das supervisoras - necessidade de reorganizarem novas estruturas ou esquemas do plano de ensino. Responsáveis pelo trabalho das professoras, discutem como dar-lhes uma visão global desses esquemas de ensino.
- 2) D. Edith apresenta seu trabalho "Guia para a análise de problemas relacionados com o currículo na escola primária" para ser debatido pelas participantes da semana, divididas em dois grupos, que apresentarão depois suas conclusões.

PONTOS DE DESTAQUE

Manhã de 26/3/68

- 1- Confronto entre o currículo tradicional e o moderno. Desenvolvimento de uma série de idéias, que possam ser estendidas ao professorado primário, a fim de conscientizá-lo e ajudá-lo na sua tarefa docente.
- 2- As mudanças desejáveis para o currículo, com vistas às técnicas a empregar e à reformulação da mentalidade do professor.
- 3- As diferenças entre o currículo tradicional e o moderno em relação a conteúdo, processos e objetivos.
- 4- Conceituação do currículo dentro da nova linha educacional, apresentando-o como algo dinâmico, condicionado às vivências da criança e não ao mero desenvolvimento do programa escolar.
- 5- Sugestão de assistência ao professor, nessa fase transitória de sua reformulação, quanto ao currículo, não só através da teoria, mas de recursos audiovisuais e, principalmente, através do envolvimento de suas próprias experiências, observações e juízo.
- 6- Sugestões quanto à elaboração do currículo, ressaltando a importância da interação entre processo e conteúdo.
- 7- Ainda na elaboração do currículo, o destaque a ser dado à consecução dos objetivos individuais e sociais, que envolvem o binômio- professor-criança - num mesmo plano de igualdade.
- 8- Orientação ao professor quanto aos procedimentos e elementos, através dos quais possa alcançar os objetivos da educação integral.
- 9- Discussão sobre planejamento de horário, que atenda aos interesses do aluno com aproveitamento dos recursos do seu meio ambiente e de suas experiências pessoais.

* * *

PONTOS DE DESTAQUE

Tarde de 26/3/68

- 1) Necessidade de estimular o professor a pesquisar; não importa uma pesquisa científica, mas interessa que pesquisem.
- 2) Debate em torno da seleção de crianças com que o plano-piloto vai trabalhar. Escolhidos níveis diferentes, ficando Pernambuco com crianças de nível sócio-econômico baixo e Espírito Santo, com crianças de nível misto.
- 3) Debate sobre a prontidão dessas crianças para aprender. Pesquisas para verificar as deficiências cruciais e melhor maneira de suavizá-las ou dirimi-las. Concluem em contrair-se na aculturação o ponto básico de estrangulamento, a linguagem, sendo, pois, indispensável organizar uma comunicação efetiva entre o professor e os alunos que ele terá.
- 4) Aprendizagem da leitura baseada no trabalho de Maria Yvonne Atalécio "Agrupamento Interclasse", para obter-se melhor rendimento dos alunos. Crítica do trabalho.
- 5) Promoção progressiva, uma consequência. Essa problemática nos Estados que participam da II Semana de Estudos EATEP.

* * *

PONTOS DE DESTAQUE

Manhã de 25/3/68

- 1) Histórico da Equipe - EATEP - e dos nossos trabalhos. Equipe mista - brasileiros e americanos conjugam suas experiências e estudos, procurando os dois grupos resolver, no Brasil, um problema de âmbito ~~brasileiro~~ ^{nacional} - Evasão e Repetência na escola primária, ~~brasileira~~.
- 2) A projeção de dados estatísticos, ainda que falhos, mostram a realidade do problema e dão margem à previsão de medidas, que atendam, quanto possível, ao aspecto quantitativo e qualitativo das necessidades da escola primária.
- 3) O esclarecimento prestado pelas duas equipes sobre o histórico e encaminhamento do trabalho, nos Estados do Espírito Santo e Pernambuco.
- 4) O confronto das experiências e o interesse que cada Estado demonstrou em relação à organização e à estrutura do trabalho feito.
- 5) O entrosamento das equipes e o aproveitamento que cada uma procurou assimilar da experiência alheia.
- 6) O entusiasmo das equipes refletindo-se no Estado e nas escolas.
- 7) A conscientização do corpo administrativo e docente dos problemas de evasão e repetência escolar no Espírito Santo.
- 8) O desejo expresso pelo corpo docente do Espírito Santo de participar e aceitar a ajuda e a orientação oferecidas àquele Estado.
- 9) A ênfase dada às dificuldades existentes, tais como o problema dos dados estatísticos e as sugestões apresentadas para melhorá-las.
- 10) A divulgação dos estudos e trabalhos feitos pela EATEP, que evidenciam o esforço para resolver problemas educacionais brasileiros, no ensino primário.

PONTOS DE DESTAQUE DA REUNIÃO DA TARDE DE 25/3/68

II Semana de Estudos EATEP

- 1) Repetência em Minas - conscientização do professor para iniciar, depois, a luta contra a evasão e a repetência, aproveitando-se as experiências de Pernambuco e Espírito Santo que já participam do plano-pilôto da EATEP.
- 2) Classes preliminares para crianças de 7 e 8 anos, embora sem programa predeterminado, ajudam na alfabetização da criança mineira, visto que um ano apenas não foi suficiente para alfabetizar toda a classe.
- 3) Tentativa de promoção progressiva já é feita em Minas, recebendo previamente a professora a orientação necessária.
- 4) Fatores determinantes de um currículo: criança, sociedade, aprendizagem. Currículo e seus pontos básicos.
- 5) Objetivos de um currículo, considerados aqueles três fatores determinantes: produzir mudanças de comportamento na criança, em favor do desenvolvimento pessoal e em função da sociedade.
- 6) Áreas que podem melhorar um currículo no fluxo ou passagem das crianças pela escola: preparação do professor - administração - supervisão - material.
- 7) Sugestões para diminuir ou enfraquecer os pontos de estrangulamento do fluxo escolar: maior flexibilidade nas classes, melhor preparo do professor, currículo funcional.
- 8) Relacionamento entre a Constituição Brasileira, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e o trabalho diário do professor, para desenvolver, na criança, habilidades que produzirão o bem estar econômico, social e cívico de um povo. Importância do professor nessa problemática, a fim de conseguir a transferência da aprendizagem.
- 9) Conscientização da realidade brasileira para uma boa compreensão dos objetivos da educação e fundamento para bem avaliar a aprendizagem.

RESPONSABILIDADE DA ESCOLA PRIMÁRIA

criar situações que levem a criança a agir sozinho

HABILIDADES DE COMUNICAÇÃO E COOPERAÇÃO

- Ler com eficiência a fim de que a leitura possa transformar-se num instrumento cada vez mais importante de auto-aprendizagem.
- Falar e escrever clara e corretamente, reconhecendo o valor instrutivo da comunicação como um dos meios de desenvolvimento.
- Saber ouvir de modo a poder sentir, interpretar e criticar.
- Entender textos que envolvam ciência e saber cogitar.
- Resolver problemas que impliquem relações quantitativas.

HABILIDADES DE RACIOCÍNIO

- Observar fatos do meio físico e social, procurando interpretá-los as causas.
- Saber fazer generalizações simples, após observações cuidadosas de fenômenos semelhantes.
- Julgar e criticar fatos e idéias.
- Solucionar problemas simples, sejam eles de natureza social, política ou econômica.

HABILIDADES DE DESENVOLVIMENTO CRIATIVO E ESTÉTICO

- Sentir e apreciar com alegria e satisfação as belezas naturais e as diferentes expressões artísticas.
- Ter amor ao belo e gosto pela arte.
- Ser capaz de usar o espírito criador e participar de variadas formas de expressão.
- Aproveitar as horas de lazer em atividades estéticas.

CONHECIMENTO DO MEIO FÍSICO

- Demonstrar curiosidade pelo mundo e saber observar fenômenos físicos que nele ocorrem.
- Conhecer e valorizar os recursos naturais - elementos básicos para o desenvolvimento econômico e social.
- Desenvolver o espírito científico necessário à formulação de hipóteses e solução de seus problemas.

- Ter auto-confiança, sentir-se seguro em quaisquer situações.
- Aceitar racionalmente os êxitos e contratempos comuns na vida cotidiana.
- Compreender e aceitar as normas e padrões de comportamento necessários ao crescimento individual e social.
- Participar espontaneamente de grupos, manifestando-se livremente, sem inibições desnecessárias.
- Usar bem um das horas de lazer.

PADRÕES DE COMPORTAMENTO SOCIAL E EQUILÍBRIO EMOCIONAL

- Ter consciência da necessidade de preservar sua saúde e a de coletividade.
- Conhecer os fatos básicos relativos à saúde e à doença.
- Praticar os preceitos de higiene e de proteção à saúde.
- Reconhecer a importância da recreação para o equilíbrio da saúde.

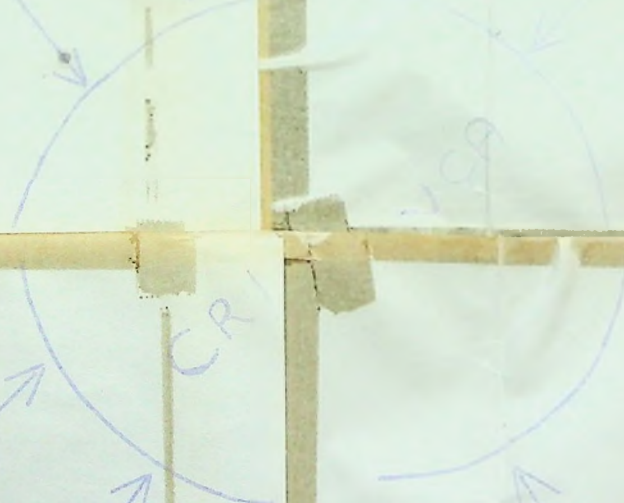
CONCEITOS RELATIVOS À SAÚDE

- Apreciar e amar a família como o grupo social básico e conservar seus ideais.
- Conhecer a própria comunidade pela familiarização com os fatos sociais nela observados e estender tais conhecimentos ao Estado, País e ao Mundo, compreendendo o lugar que a família nele ocupa.
- Ajustar-se aos grupos sociais e aos princípios e leis regulares da vida em sociedade.
- Valorizar a participação ativa na vida social e sua responsabilidade nessa participação.
- Conhecer e aplicar os fatos econômicos básicos, pela percepção da relação íntima de recursos - trabalho - produtividade.

CONHECIMENTO DA SOCIEDADE

- Possuir as qualidades moralmente acatadas como ideais sociais, rejeitando tudo aquilo que comprometa a própria integridade e a dos outros.
- Valorizar e respeitar a autoridade constituída.
- Amar e cumprir seus deveres; compreender e usar seus direitos; conhecer e respeitar os direitos alheios.
- Amparar o patrimônio nacional - sua herança cultural, moral e cívica.
- Ser leal aos ideais, valores e ao sistema de vida acortada.

VIVÊNCIA DOS VALORES MORAIS E CÍVICOS



MEC/INEP/USAID

EATEP

GUIA PARA A ANÁLISE DE PROBLEMAS RELACIONADOS COM O
CURRÍCULO NA ESCOLA PRIMÁRIA

GB - Março de 1968

2.

II. OBJETIVOS SOCIAIS FOCALIZADOS PELO CURRÍCULO

Um currículo deve ser planejado com a finalidade fundamental de servir à sociedade. Portanto, para avaliá-lo é preciso, forçosamente, começar estabelecendo o grau de proximidade existente entre os objetivos desse currículo e as necessidades da sociedade.

1. As atividades de aprendizagem de sua escola (ou suas escolas) geralmente refletem as necessidades sociais?

sim não

Em caso afirmativo, explique como cada um dos seguintes objetivos gerais está sendo desenvolvido para uma aplicação funcional na vida real.

- educação pessoal _____

- educação como produtora e como consumidora

- educação do indivíduo como cidadão de uma democracia _____

2. Estão estes objetivos merecendo a consideração adequada exigida pelos diferentes setores de sua população escolar, tais como áreas rurais, áreas urbanas e áreas altamente industrializadas?

sim não

Em caso negativo, quais dos seguintes pontos precisam ser adaptados às necessidades locais ou especiais?

- objetivos educacionais específicos

- requisitos do currículo

- material didático

- tipos de atividades de aprendizagem

- outros pontos (especifique) _____

Conclusão: No caso de sua população escolar em especial, e de acordo com a análise acima, em que grau considera você estarem seus objetivos adequados à realidade?

R

Observações: _____

III. O CONTEÚDO DO CURRÍCULO

Como o currículo é o meio mais importante de desenvolver objetivos educacionais, a seleção de seu conteúdo deve ser cuidadosamente considerada em relação aos resultados de comportamento que se deseja obter.

Em relação aos objetivos sociais

1. É o conteúdo das matérias a serem estudadas planejado com a finalidade específica de atingir certos objetivos? sim não

Em caso afirmativo, dê diversos exemplos para ilustrar a relação existente.

2. Até que ponto a profundidade exigida no estudo desse conteúdo é essencial à consecução desses objetivos? R

Justifique sua resposta com um exemplo específico

3. (a) Existe um bom equilíbrio de conteúdo para cada uma das séries escolares, em relação aos objetivos da escola primária, considerados em sua totalidade? sim não

(b) Indique quais dos seguintes objetivos se procura atingir em qualquer uma das séries, citando o conteúdo da matéria escolar ou o tipo de atividade que está sendo desenvolvida para consegui-los.

Série _____

Objetivos	Meios usados para atingi-los
- Alfabetização funcional	_____
- Saúde e eficiência física	_____
- Uma compreensão da sociedade que leve o educando à competência social e política	_____
- Valores morais e cívicos	_____
- Expressão criadora e estética	_____

4. Há adaptação do programa de estudos, onde é preciso, às necessidades de crianças que, provavelmente, não chegarão a seguir o curso secundário?

sim não

Em caso de uma resposta afirmativa, especifique a natureza desta adaptação. _____

Em relação ao desenvolvimento de conhecimentos e habilidades essenciais

Se você sente que as seguintes áreas estão sendo desenvolvidas em grau satisfatório, responda SIM, do contrário, NÃO.

1. É funcional a maneira pela qual as crianças estão aprendendo a ler e a comunicar-se?

sim não

2. Estão as crianças adquirindo conhecimentos e conceitos básicos de estudos sociais a fim de conhecer e compreender o mundo em que vivem?

sim não

3. Estão aprendendo a entender o "como e o porquê" do ambiente que as rodeia?

sim não

4. Estão aprendendo os princípios básicos de saúde e higiene que as levarão à prática de hábitos salutarres para seu bem estar físico?

sim não

5. Estão adquirindo uma compreensão funcional de nosso sistema numérico?

sim não

6. Estão desenvolvendo uma atitude de entusiasmo e curiosidade e uma mentalidade aberta?

sim não

7. Estão desenvolvendo a capacidade de encontrar soluções para si mesmas?

sim não

8. Estão desenvolvendo sua habilidade de analisar problemas e o pensamento crítico que possibilita sua solução?

sim não

Indique o tipo de mudança necessária para melhorar qualquer das áreas acima a qual, na sua opinião, mostra-se fraca:

Conclusão: Até que ponto considera você o conteúdo de seu currículo adequado à realidade de sua população escolar específica?

R

Observações: _____

Em Relação às Necessidades e Interesses da Criança

1. Está o currículo de tal maneira relacionado com a vida social e econômica da criança, de modo a possibilitar uma aprendizagem "que tenha um significado" para ela?

sim não

Em caso afirmativo, dê diversos exemplos deste relacionamento:

2. Está o conteúdo das diferentes matérias, em cada série escolar, diretamente relacionado com o ama desenvolvimento que se processa nos interesses da criança?

sim não

3. Enquadra-se a extensão do conteúdo das matérias para cada série na capacidade de aprendizagem da criança?

sim não

Dê uma indicação geral da quantidade de aprendizagem exigida em cada série, colocando um "X" na coluna ou colunas apropriadas, abaixo:

Série	satisfatória	multo pequena	multo grande	multo difícil
1				
2				
3				
4				
5				
6				

4. Existem (onde a situação assim o exige) programas de prontidão para alunos principiantes?
Em caso afirmativo, qual é o tipo ou tipos destes programas?

sim não

Considera-os, você, suficientemente eficazes?
Se a resposta for negativa, dê as razões por que acha que não têm a eficácia necessária.

Quais as mudanças que você recomenda?

5. Apresenta o currículo flexibilidade bastante para dar liberdade ao professor de efetuar mudanças à medida que estas se vão tornando necessárias?

sim não

Se sua resposta for afirmativa dê exemplos ilustrativos:

Em caso de uma resposta negativa, explique o motivo:

6. Oferece êle oportunidades para satisfazer um in-
terêsse incidental que a classe apresente?

sim não

Se assim fôr, descreva como isso é feito:

7. Oferece o currículo oportunidade de desenvol-
ver os interêsses especiais que algumas cri-
anças demonstram em relação a certos estudos?

sim não

Se a resposta fôr "SIM" relate como isso é fei-
to:

8. Têm a escola ou escolas locais, oportunidade de
participar no planejamento de um conteúdo de
aprendizagem adequado às necessidades de sua
população escolar?

sim não

Se assim fôr, relate como se processa esta par-
ticipação e quem são os participantes:

9. Existe oportunidade de os alunos participarem
no planejamento de suas atividades diárias de
aprendizagem?

sim não

Se a resposta fôr "SIM", como o fazem? _____

IV. ORGANIZAÇÃO DO CONTEÚDO

Se quisermos conseguir uma aprendizagem significa-
tiva devemos dar tanta importância à seleção do
conteúdo quanto à sua organização. Verificar se os
princípios abaixo relacionados são seguidos no
preparo do programa de ensino de sua escola ou es-
colas e responder:

1. É o conteúdo das matérias estruturado de tal
forma que contenha uma fundamentação básica pa-
ra cada disciplina?

sim não

2. Há um desenvolvimento seqüente das habilidades
de estudo de uma série para outra?

sim não

3. É grande parte do conteúdo das matérias organi-
zado em unidades desenvolvidas em torno de um
tema central?

sim não

4. São utilizados os recursos-ambientes sempre que
isto é possível e apropriado?

sim não

5. São as atitudes e valores sociais, assim como o crescimento intelectual incorporados ao programa de ensino no nível de adiantamento de cada série? sim não
6. Promove o currículo o desenvolvimento das seguintes características que são inerentes a uma sociedade democrática:
- auto-confiança ? sim não
 - respeito pelos outros ? sim não
 - capacidade de trabalho em conjunto ? sim não
 - discussão livre de pontos de vista contrários? sim não
 - respeito pela divergência de opiniões ? sim não
 - participação na organização de regulamentos? sim não
 - aceitação e cumprimento de responsabilidades? sim não
 - lealdade de atitudes? sim não

Conclusão: Como classificaria você seu programa de ensino em relação aos princípios mencionados acima?

V. IMPLEMENTO DO CURRÍCULO

Por mais apropriado que seja o currículo em relação aos objetivos e em relação as crianças que deverão atingir esses objetivos, o sucesso final dependerá de fatores materiais e pessoais, essenciais ao seu implemento. Tendo em mente a idéia de objetivo e de execução, avaliemos esses fatores.

Disponibilidades materiais

1. Existe um número suficiente de salas para permitir o funcionamento da escola em turnos de tempo integral? sim não
2. Contêm as salas de aula espaço necessário ao funcionamento de uma variedade de atividades? sim não
3. Existem espaço e equipamento adequados para serviços essenciais, tais como:
- provimento de almoços sim não
 - provimento de serviços médicos e dentários sim não
 - provimento para funcionamento de bibliotecas sim não
 - outros serviços - especifique: _____
-
4. Existe área adequada à prática da educação física (ou para atividades recreativas?) sim não

Fatores Referentes ao Tempo

1. É o programa total da escola primária (em número de anos) suficiente para conseguir a aprendizagem do conteúdo acadêmico até o ponto desejado? sim não
2. É o horário diário atual suficiente para permitir o desenvolvimento de:
- um bom programa acadêmico básico? sim não
 - experiências de aprendizagem que desenvolvem valores e habilidades sociais? sim não
 - atividades não acadêmicas, tais como arte, música e educação física? sim não
 - interesses e aptidões individuais? sim não
- Conclusão: Está seu programa de ensino adequado à realidade no que diz respeito às condições materiais e ao fator tempo existentes para seu desenvolvimento? sim não

Corpo Docente

1. Existe um número suficiente de professores para lecionar turmas de tamanho ideal (20 a 30 alunos):
- em horário integral ocupando o dia todo? sim não
 - em horário parcial? sim não
 - em três turnos ou mais? sim não
2. Têm estes professores preparo acadêmico e profissional que os habilite a dirigir:
- um programa acadêmico mínimo? sim não
 - um programa acadêmico sólido? sim não
 - um programa acadêmico enriquecido de estudos amplos e de atividades culturais? sim não
 - o programa atualmente em vigor? sim não

No caso de respostas negativas, indique as medidas que deverão ser tomadas para corrigir a situação:

Material Didático

1. Básico:

- Existe quantidade suficiente de textos básicos em cada sala de aula? sim não
- Tem a escola mapas e globos em número suficiente para uso nas salas de aula? sim não
- Possui a escola quantidade suficiente de material didático suplementar, tais como textos, enciclopédias, publicações recentes, livros de biblioteca? sim não

Se a resposta for negativa, faça um planejamento mostrando aquilo que você considera imprescindível como material didático adequado:

2. Enriquecimento

- São usados materiais suficientes e adequados ao ensino da arte em cada sala de aula? sim não
- São usados na escola ou escolas material e equipamento musical em quantidade adequada e suficiente? sim não
- Existe um programa audio-visual planejado para uso ou participação de toda a escola? sim não
- Possui a biblioteca livros adequados para a leitura em momentos de lazer e para promover o enriquecimento cultural? sim não

Se houver um déficit desses materiais em sua escola ou escolas, relacione abaixo a quantidade mínima que lhe servirá para suprir essas necessidades.

Conclusão:

- o material didático e de aprendizagem disponível na sua escola é adequado para se conseguir, com sucesso, o implemento do programa de ensino no atualmente em vigor? sim não
- Esse material é apropriado ao implemento de um programa ideal de ensino e aprendizagem para as crianças de sua escola? sim não

Áreas que se relacionam com o Currículo

A análise de um currículo deve forçosamente levar em conta aquelas áreas com as quais ele está intimamente entrosado e das quais depende em grande parte o seu sucesso, tais como Administração, Programa de Testes, Progresso dos alunos, Supervisão, etc.

Embora a finalidade deste guia não seja fazer um estudo pormenorizado destas áreas coadjuvantes, oferecemos algumas perguntas-chave que servirão para identificar possíveis pontos fortes e fracos que terão efeito acentuado na qualidade dos resultados educacionais obtidos na escola (v)

(v) Para a obtenção de uma análise completa destas áreas, pede-se ao leitor que consulte os Guias de Administração, Supervisão e Prática em Sala de Aula.

1. Administração

- Existe, na escola, um serviço administrativo adequado para dirigir e manter um programa funcional de aprendizagem? sim não
- Recebe a escola orientação e assistência adequadas dos departamentos centrais do sistema escolar? sim não
- São as classes organizadas de maneira que o ensino dado é aquele que mais eficazmente promove o progresso individual satisfatório? sim não

2. Programa de Testes

- São os testes de maturidade mental aplicados à medida em que se torna necessária sua aplicação? sim não
- São aplicados testes para verificar a prontidão das crianças para a aprendizagem da leitura no início da alfabetização? sim não
- São aplicados testes objetivos para determinar o progresso feito em habilidades de estudo, em todas as séries? sim não

3. Progresso dos Alunos

- Fundamenta-se a orientação básica que é seguida numa filosofia de progresso contínuo? sim não
- Existe um sistema eficiente de fichas cumulativas dos alunos? sim não
- Existe um tipo satisfatório de boletins enviados aos pais dos alunos? sim não

Caso haja resposta ou respostas negativas, que mudanças você recomenda? _____

4. Supervisão

- Existe um sistema eficaz e permanente de supervisão do qual o professor pode valer-se individualmente? sim não
- Há orientação eficiente para a inovação de mudanças no currículo? sim não

Conclusão: Acha você que a estrutura e a administração de sua escola (sistema):

- fornecem um mínimo de orientação satisfatória ao seu programa de ensino? sim não
- fornecem ao seu programa a orientação e o apoio necessários? sim não
- oferecem orientação dominante em relação a um só aspecto do ensino? sim não
- contribuem para a promoção de um programa de ensino estimulante e rendoso? sim não

12

VI. RESUMO DOS PROBLEMAS IDENTIFICADOS COM
O RESULTADO DA ANÁLISE PRECEDENTE E COM
OS PASSOS INICIAIS A SEREM TOMADOS AO
PLANEJAR UMA MUDANÇA

1. Identifique as áreas que apresentem problemas e coloque-os em ordem de prioridade.
2. Descreva as mudanças específicas que se fazem necessárias.
3. Relacione os fatores que devem ser considerados na efetuação destas mudanças.
4. Faça um esquema mostrando as medidas experimentais em curso.
5. Marque uma data para o término previsto para cada fase do empreendimento.

Sugerimos o uso do seguinte quadro para anotação dos processos iniciais de um planejamento global

	Área que apresenta problemas	Mudanças necessárias	Fatores a serem levados em consideração	Medidas em curso	Datas para o término
Prioridade 1					
Prioridade 2					
Prioridade 3					
Prioridade 4					
Prioridade 5					

SEGUNDA PARTE

I. CURRÍCULO PARA AS CRIANÇAS DE HOJE (*)

Já se foram os dias em que o termo currículo era sinônimo de ensinar a ler, escrever e contar. Atualmente, não pode ser delimitado nem mesmo pelos inúmeros assuntos e temas tratados nas várias matérias que compõem o programa de ensino.

Com a complexidade crescente da sociedade, as áreas de responsabilidade da escola também aumentaram, cabendo-lhe, hoje, a enorme tarefa de preparar as crianças para o mundo onde passarão a viver. Algumas habilidades adquiridas na leitura, na matemática e um pouco de "conhecimento teórico tirado de livros" não conseguirão dar-lhes êsse preparo.

No mundo de amanhã, a capacidade de enfrentar de maneira acertada tudo que é novo vai ser mais necessário do que a habilidade de conhecer fatos, memorizá-los e ser capaz de repetir coisas do passado. Apesar do número de anos que os alunos passam assentados em salas de aula aprendendo fatos, é lamentavelmente reduzida a matéria que conseguem reter, e cada vez mais discutível a sua importância. Sem dúvida alguma, a educação tradicional está decrescendo em valor numa época de transição.

Nestes últimos anos, evidencia-se um esforço tenaz da parte de muitos educadores no sentido de conseguir uma relação mais estreita entre o que acontece dentro e fora da escola, defrontando-se a criança com as múltiplas facetas do meio em que vive. A escola precisa moldar um indivíduo pensante e eficiente, capaz de enfrentar satisfatoriamente as exigências de um mundo em constante transição, capaz de enfrentar com sucesso as influências formativas boas e más com as quais vai deparar-se no convívio diário com seus semelhantes.

Atualmente seu objetivo deve ser o preparo de indivíduos de mentalidade flexível e adaptável, indivíduos que "aprenderam a aprender" e, conseqüentemente, estão aptos a continuar aprendendo sempre. Portanto, o currículo de hoje deve ser funcional promovendo, não só a aprendizagem de conteúdo e habilidades, mas também fornecendo condições favoráveis à aplicação e integração destes conhecimentos, capacitando o aluno para solucionar problemas com que se depara na realidade.

Em resumo: o currículo da escola moderna está, pois, entrelaçado com as atividades que foram introduzidas na vitalização do ensino atual e se constitui de todas as experiências - conteúdo e habilidades - necessários à consecução desses objetivos visados.

(*) "Currículo para as Crianças de Hoje" é uma introdução à segunda parte do trabalho Guia para Análise do Currículo.

MEC/INEP/USAID
EATEP

PLANEJAMENTO PARA MELHORAR A
EDUCAÇÃO PRIMÁRIA

Materiais de Ensino (A)

GB - Março de 1968

PLANEJAMENTO PARA MELHORAR A EDUCAÇÃO PRIMÁRIA

Seleção e Utilização do Livro-Texto

Todos os pontos em evidência mostram que o livro-texto existiu por muito tempo como quase a única ferramenta em uso pelos professores no trabalho de currículo, e no presente, continua sendo a principal "arma" empregada pelos professores.

Por isso é de maior importância que os melhores livros disponíveis sejam usados.

Sabe-se também que o livro-texto bem usado constitui um excelente método de ensino.

Ajudar o professor a usar o livro-texto efetivamente, é uma das maneiras básicas de melhorar o ensino.

A COLTEP sugere os seguintes critérios básicos para a avaliação do livro escolar:

1. que na seleção de livros, sejam levados em consideração:
 - . as condições do aluno e do meio;
 - . a necessidade de harmonização das exigências técnicas a que deve atender o livro e da adequação deste ao professor diplomado e ao leigo docente, para elevar o nível do mestre;
2. que não é desejável o livro único, isto é, aquele que trata simultaneamente de duas ou mais matérias, nem livros por séries escolares;
3. que o conteúdo estimule na criança a noção de igualdade e de respeito ao ser humano, qualquer que seja sua condição social, econômica, cor, crença ou lugar de nascimento.

Sugestões para os Critérios de Seleção do Livro-Texto

Instruções	Autor	Conteúdo
<p>As diretrizes que se seguem são sugestões que você pode usar em relação ao autor e aos diferentes aspectos de um livro-texto (conteúdo, linguagem etc) a fim de estabelecer critérios para uma seleção em sua matéria.</p> <p>Nosso objetivo não é limitar suas idéias, mas oferecer uma visão geral de pontos básicos que devem ser observados no livro-texto.</p>	<p>Qual a influência da formação profissional e das experiências do autor na elaboração do livro-texto?</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nível cultural. 2. Experiências profissionais. 3. Filosofia de educação ou pontos de vista. 4. Data da publicação do livro. 	<p>É realmente significativo para o currículo o conteúdo deste livro-texto, no que diz respeito ao desenvolvimento de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - conhecimentos a serem adquiridos - resultados mais amplos da aprendizagem, tais como valores, habilidades de estudo etc. <p>Pontos para consideração:</p> <ul style="list-style-type: none"> - textos - ilustrações - outros aspectos gráficos <p>Como poderá a apresentação do livro facilitar a aprendizagem?</p> <p>Dê sugestões de requisitos que são específicos em sua matéria:</p> <hr/> <hr/> <hr/>

Que qualidades apresenta o livro, em termos de ensino e aprendizagem?

Pontos a serem considerados:

1. Organização básica para as atividades de aprendizagem.
2. Desenvolvimento de novos conceitos.
3. Desenvolvimento do pensamento.
4. Desenvolvimento das habilidades de estudo, independente da assistência do professor.
5. Reforço da aprendizagem.
6. Provisão para as necessidades individuais na aprendizagem.

Pode o livro ser usado facilmente por qualquer criança desse nível?

Especifique, entre os critérios que se seguem, aqueles que você acha importantes nos aspectos da língua:

1. Vocabulário básico.
2. Novo vocabulário.
3. Estrutura da língua.
4. Habilidades específicas de leitura da matéria em aprêço.

Há um manual para orientação do professor?

Segundo seu ponto de vista, cite os tipos de ajuda que o manual pode proporcionar ao professor nos pontos que se seguem:

1. Informações suplementares sobre a matéria.
2. Conhecimentos técnicos ou profissionais, tais como:
 - técnicas de motivação
 - desenvolvimento das atividades de ensino.
 - avaliação etc.
3. Outros pontos.

Sugestões para a Utilização do Livro-Texto

(Materia)I. Atividades dirigidas pelo professor

A. Propor objetivos para o uso do livro-texto em atividades de classe.

B. Especificar os princípios básicos a serem observados na orientação de atividades de estudo de livro-texto.

C. Apresentar maneiras diferentes para desenvolver lições básicas.

II. Atividades independentes

Apresentar princípios ou técnicas que devem ser empregadas no desenvolvimento dessas atividades

III. Mostrar como podem ser usados textos suplementares para:

1. Aumentar os conhecimentos básicos
2. Enriquecer atividades

MEC/INEP/USAID

EATEP

PLANEJAMENTO PARA MELHORAR A

EDUCAÇÃO PRIMÁRIA

Materiais de Ensino (A)

GB - Março de 1968

PLANEJAMENTO PARA MELHORAR A EDUCAÇÃO PRIMÁRIA

Seleção e Utilização do Livro-Texto

Todos os pontos em evidência mostram que o livro-texto existiu por muito tempo como quase a única ferramenta em uso pelos professores no trabalho do currículo, e no presente, continua sendo a principal "arma" empregada pelos professores.

Por isso é da maior importância que os melhores livros disponíveis sejam usados.

Sabe-se também que o livro-texto bem usado constitui um excelente método de ensino.

Ajudar o professor a usar o livro-texto efetivamente, é uma das maneiras básicas de melhorar o ensino.

A COLTEP sugere os seguintes critérios básicos para a avaliação do livro escolar:

1. que na seleção de livros, sejam levados em consideração:
 - . as condições do aluno e do meio;
 - . a necessidade de harmonização das exigências técnicas a que deve atender o livro e da adequação deste ao professor diplomado e ao leigo docente, para elevar o nível do mestre;
2. que não é desejável o livro único, isto é, aquele que trata simultaneamente de duas ou mais matérias, nem livros por séries escolares;
3. que o conteúdo estimule na criança a noção de igualdade e de respeito ao ser humano, qualquer que seja sua condição social, econômica, cor, crença ou lugar de nascimento.

Sugestões para os Critérios de Seleção do Livro-Texto

Instruções	Autor	Conteúdo
<p>As diretrizes que se seguem são sugestões que você pode usar em relação ao autor e aos diferentes aspectos de um livro-texto (conteúdo, linguagem etc) a fim de estabelecer critérios para uma seleção em sua matéria.</p> <p>Nosso objetivo não é limitar suas idéias, mas oferecer uma visão geral de pontos básicos que devem ser observados no livro-texto.</p>	<p>Qual a influência da formação profissional e das experiências do autor na elaboração do livro-texto?</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Nível cultural. 2. Experiências profissionais. 3. Filosofia de educação ou ponto de vista. 4. Data da publicação do livro. 	<p>É realmente significativo para o currículo o conteúdo deste livro-texto, no que diz respeito ao desenvolvimento de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - conhecimentos a serem adquiridos - resultados mais amplos da aprendizagem, tais como valores, habilidades de estudo etc. <p>Pontos para consideração:</p> <ul style="list-style-type: none"> - textos - ilustrações - outros aspectos gráficos <p>Como poderá a apresentação do livro facilitar a aprendizagem?</p> <p>Dê sugestões de requisitos que são específicos em sua matéria:</p> <hr/> <hr/> <hr/>

Que qualidades apresenta o livro, em termos de ensino e aprendizagem?

Pontos a serem considerados:

1. Organização básica para as atividades de aprendizagem.
2. Desenvolvimento de novos conceitos.
3. Desenvolvimento do pensamento.
4. Desenvolvimento das habilidades de estudo, independente da assistência do professor.
5. Reforço da aprendizagem.
6. Provisão para as necessidades individuais na aprendizagem.

Pode o livro ser usado facilmente por qualquer criança desse nível?

Especifique, entre os critérios que se seguem, aqueles que você acha importantes nos aspectos da linguagem:

1. Vocabulário básico.
2. Novo vocabulário.
3. Estrutura de linguagem.
4. Habilidades específicas de leitura da matéria em aprêço.

Há um manual para orientação do professor?

Segundo seu ponto de vista, cite os tipos de ajuda que o manual pode proporcionar ao professor nos pontos que se seguem:

1. Informações suplementares sobre a matéria.
2. Conhecimentos técnicos ou profissionais, tais como:
 - técnicas de motivação
 - desenvolvimento das atividades de ensino.
 - avaliação etc.
3. Outros pontos.

I. Atividades dirigidas pelo professor

A. Propor objetivos para o uso do livro-texto em atividades de classe.

B. Especificar os princípios básicos a serem observados na orientação de atividades de estudo do livro-texto.

C. Apresentar maneiras diferentes para desenvolver lições básicas.

II. Atividades independentes

Apresentar princípios ou técnicas que devem ser empregadas no desenvolvimento dessas atividades

III. Mostrar como podem ser usados textos suplementares para:

1. Aumentar os conhecimentos básicos
2. Enriquecer atividades

	Planejamento e coordenação	Destinado a:	Duração	Objetivos específicos
3ª Fase	Supervisores escolares	Professôres <ul style="list-style-type: none"> . Grupos Escolares . Escolas isoladas 	<ul style="list-style-type: none"> . Período de treinamento intensivo (se possível) . Horário regular de assistência na sala de aula 	Assistência direta em: <ul style="list-style-type: none"> . organização do ensino . desenvolvimento efetivo do ensino . avaliação do progresso da criança . providências para as necessidades individuais . acôrdo para a organização da estrutura dos planos básicos
	<u>Discussão e Comentários:</u>			

	Planejamento e coordenação	Destinado a:	Duração	Objetivos específicos:
1ª Fase	1. Pessoal do Departamento de Educação Primária 2. Técnicos	Supervisores regionais	<ul style="list-style-type: none"> ◦ 2-4 semanas (horário integral) ◦ periodicamente 	1. Determinar necessidades especiais para uma região ou lugar, em: <ul style="list-style-type: none"> ◦ currículo e materiais ◦ orientação 2. Planejar trabalho de orientação para supervisores de escola 3. Planejar e elaborar materiais para a orientação básica do professor
2ª Fase	Supervisores regionais (Coordenadores)	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Supervisores ◦ Administradores 	<ul style="list-style-type: none"> ◦ Período inicial de treinamento intensivo ◦ Horário regulamentar 	1. Planejar mudanças necessárias à organização da escola: agrupamentos, etc. 2. Elaborar decisões finais do currículo em relação a situações locais 3. Fazer qualquer adaptação necessária em materiais básicos 4. Desenvolver um horário cuidadoso para o trabalho de supervisão nas escolas

PLANEJAMENTO PARA MELHORAR A EDUCAÇÃO PRIMÁRIA

Planejamento para Orientação (A)

Objetivos gerais	C o n t e ú d o	Sugestão de Atividades
<ol style="list-style-type: none"> 1. Formar nos administradores, supervisores e professores um conceito claro da filosofia e dos objetivos do Plano Pilôto. 2. Permitir maior compreensão da estrutura e desenvolvimento do programa. 3. Dar ênfase à importância de se atender às necessidades da criança em seu desenvolvimento, a fim de se ter maior êxito no ensino. 4. Estabelecer uma política educacional que sirva de base para o programa elaborado. 5. Orientar todas as etapas da execução. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Visão geral de todo o projeto: <ul style="list-style-type: none"> . Seus objetivos . Filosofia na qual ele é baseado . Política necessária ao seu desenvolvimento 2. Necessidades da criança como fator no desenvolvimento do currículo 3. Prontidão como fator de aprendizagem 4. Agrupamento dos alunos para o ensino 5. Organização de conteúdo para o ensino 6. Seleção de materiais básicos de ensino 7. Assistência às diferenças individuais 8. Avaliação dos alunos 9. Critério de promoção 10. Outros 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conferências 2. Filmes 3. Grupos de estudo 4. Aulas de demonstração

MEC/INEP/USAID
EATEP

PLANEJAMENTO PARA MELHORAR A EDUCAÇÃO PRIMÁRIA

Planejamento para Orientação (A)

GB - Março de 1968

Mudanças que se processam no Currículo e no Ensino

De:

1. Objetivos que muito valorizam a matéria em si

Para:

Objetivos pessoais e sociais mais abrangentes.

2. Conteúdo tradicional

Conteúdo funcional.

3. Ênfase dada à instrução e à autoridade do professor

Ênfase dada à maneira pela qual o aluno aprende.

4. Predominância da memorização

Desenvolvimento de "insights", de processos de pensamento, de hábitos de estudo.

5. Aquisição de conhecimentos de uma única fonte de informação

Recursos múltiplos de aprendizagem, várias fontes de referência.

6. Material de ensino desatualizado e pouco funcional

Material organizado dentro de princípios psicológicos e adequado a uma finalidade.

7. Padrões uniformes de aproveitamento para todas as crianças

Padrões de aproveitamento de acordo com a capacidade individual.

Sumário

1. Mudanças na sociedade e mudanças em seus objetivos
2. Mudanças no currículo cuja finalidade é servir a sociedade
3. Mudanças nos processos de ensino e aprendizagem

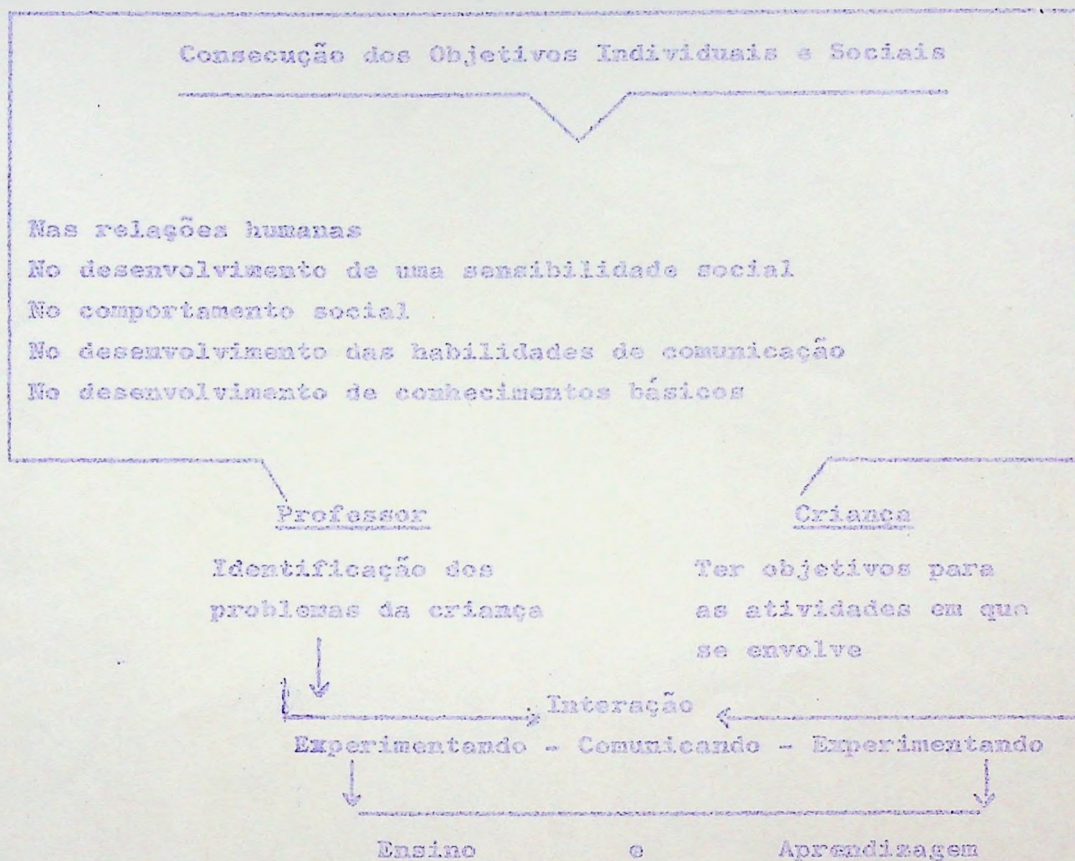
MEC/INEP/USAID
EATEP

PLANEJAMENTO PARA MELHORAR A EDUCAÇÃO PRIMÁRIA

A Importância da Interação de Vários Fato
res no Processo de Aprendizagem (A)

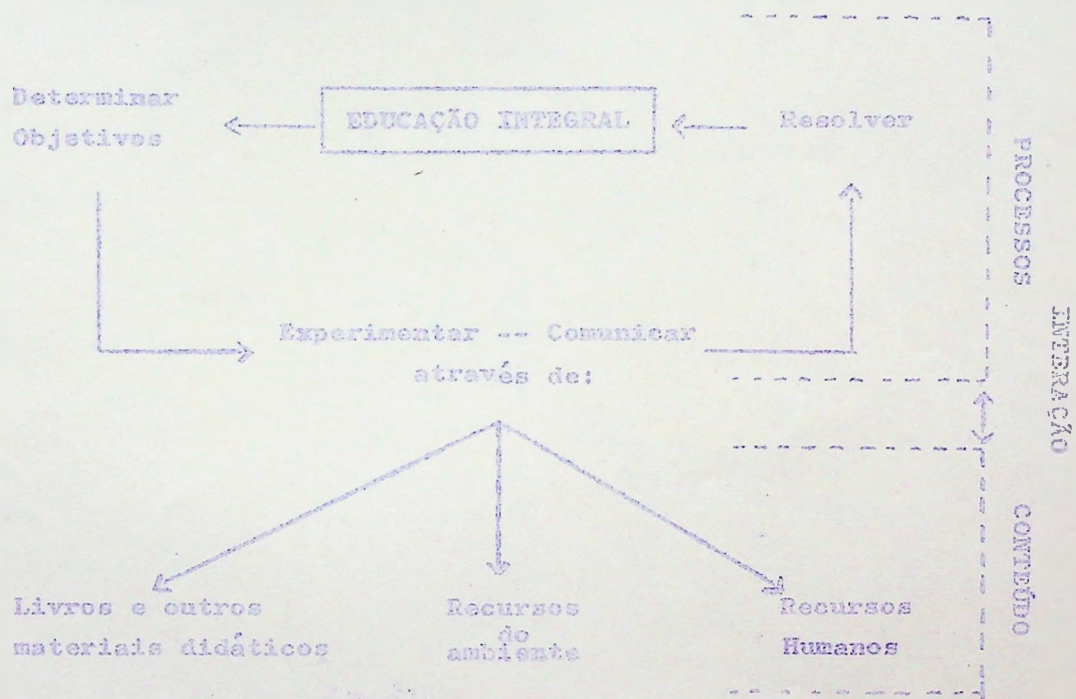
GB - Março 1968

Na elaboração do currículo, processo e conteúdo não podem ser separados. Esta interação é básica, essencial à compreensão do papel de ambos.



PROCESSO PARA ALCANÇAR OS OBJETIVOS

DA EDUCAÇÃO INTEGRAL



EXEMPLO DE UM PLANEJAMENTO DE HORÁRIO

Horas		
1 1/2	Habilidades	<p>Leitura Matemática Linguagem</p> <p>← Ensino Direto</p>
1/2		Merenda e Recreio
1	Atividades Correlatas	<p>Estudos Sociais ou Ciência ou Saúde, etc.</p> <p>← Experiências Unificadas</p>

MEC/INEP/USAID
EATEP

PLANEJAMENTO PARA MELHORAR A
EDUCAÇÃO PRIMÁRIA

Organização do Currículo da Primeira Série (A)

GB - Março - 1968

PLANEJAMENTO PARA MELHORAR A
EDUCAÇÃO PRIMÁRIA

Organização do Currículo da Primeira Série (A)

I. Agrupamento de crianças no início do ano letivo

1. Teste de prontidão: inteligência, maturidade, fatores de aculturação.
2. Agrupamento das crianças:
 - o no período preparatório
 - o no programa propriamente dito da 1ª série

II. Modelos de agrupamento para o ensino da leitura

1. Nas escolas onde há somente crianças de 1º ano, todo o ensino será feito em conjunto, com exceção da leitura, para a qual a classe será dividida em dois ou mais grupos, de acordo com o nível de prontidão.
Sabemos que algumas crianças precisam de dois anos para a alfabetização devido à maturidade e aculturação necessárias.
2. Nas escolas com alunos suficientes para duas 1ªs. séries, as crianças poderão ser divididas em dois grupos: Um, com o programa de período preparatório e outro, com o de 1ª série. Os subgrupos para leitura seguirão o mesmo modelo acima.
3. Nas escolas com várias classes de 1ª série será possível organizar grupos mais homogêneos, isto é, muitas classes com diferentes níveis, no programa preparatório, e outras tantas classes com diferentes níveis de adiantamento no período inicial.

III. Critério para avaliação do rendimento

A avaliação periódica de cada grupo será feita por meio de:

1. séries básicas de testes de aproveitamento
2. observação de fatores pessoais do aluno, tais como maturidade social e emocional feita pelo professor.
Em todas as situações deve haver flexibilidade para permitir a mobilidade da criança de um grupo para o outro, a fim de atender o seu desenvolvimento individual.

IV. Materiais de Ensino

1. Programa Preparatório - devem ser escolhidos material e atividades para aperfeiçoar o nível cultural (língua, conceitos sociais, etc.) como preparação básica para a Leitura, assim como para os fatores específicos envolvidos no processo atual de Leitura (discriminação auditiva, memória visual, etc.).
2. Programa de Primeira Série - um bom texto de leitura deve ser utilizado para o ensino básico em todos os níveis a fim de prover o desenvolvimento da linguagem e outras habilidades, estabelecendo-se uma boa seqüência na aprendizagem.

V. Métodos de ensino

Uma orientação cuidadosa deve ser dada quanto ao método empregado em determinada escola.

VI. Recomendações para crianças que não estão prontas para a 2ª série, ao terminar o ano:

1. Aplicar testes de diagnóstico para verificar as causas das dificuldades (inteligência, maturidade, conhecimentos reduzidos).
2. Organizar classes para as crianças que não têm possibilidade de alguma de acompanhar as atividades da 2ª série, desenvolvendo com elas um programa adequado.
3. Para as crianças que têm possibilidade para o programa de 2ª série, embora precisem melhorar a leitura:

Dar-lhes classes de recuperação com o currículo da 2ª série, e ensino especializado de leitura, para que possam estar preparados para a 3ª série.

ou

Permitir-lhes que sigam com sua classe comum, na 2ª série, fazendo, porém, que recebam ensino especial de leitura.

Prep. por: M. Yvonne A. de Araújo
Revisão de português: Eunice
Macedo Iosa
Data: 20 de novembro de 1967

Organização de Grupos para a
Leitura na Primeira Série

Preliminares

O agrupamento das crianças, seja qual for o critério estabelecido, é uma das condições necessárias ao ensino. Constituem-se classes, formam-se grupos menores de crianças dentro das próprias classes, multiplicam-se as modalidades de agrupamentos e reagrupamentos, porque ensino e aprendizagem não prescindem dessa organização.

De acordo com John Goodlad, a estrutura das classes na escola primária pode obedecer a dois critérios básicos: o vertical e o horizontal. O vertical diz respeito à organização das séries, ao movimento da população escolar, de série para série, da 1ª às últimas, com determinado conteúdo programático, graduado de ano para ano.

O aspecto horizontal, ao contrário, tende à organização de grupos de alunos, por capacidade mental, aproveitamento escolar, etc.

Assim, os tipos de agrupamento assumem dois diferentes aspectos, a saber: as tradicionais séries escolares, com uma dosagem estipulada de matéria para cada ano de curso, e as estruturas não graduadas, sem séries definidas, a fim de que cada criança progrida de acordo com sua capacidade e seu ritmo de aprendizagem. Na organização horizontal, inúmeros são os critérios para o agrupamento dos alunos: idade, interesses, resultados de testes ou provas subjetivas, conceito do professor, registros de resultados anuais e outros.

No Brasil, geralmente predominam as séries primárias comuns - da 1ª

* Goodlad, John - Planning and Organizing for Teaching - NEA
Washington D.C., 1964

à 4ª e às vezes à 6ª onde as crianças são reunidas em grupos mais ou menos homogêneos, repetindo o ano aquelas que não atingem o mínimo exigido nas provas.

Entretanto, por mais homogêneas que sejam essas turmas, nunca há um alto grau de similitude entre as crianças. Elas diferem entre si, em muitos pontos, dificultando o trabalho do professor.

Tomemos, por exemplo, as crianças novatas de um grupo escolar. Se lecionadas que sejam, por testes ou outros meios, ao fim de certo tempo acentuam-se as diferenças individuais.

Que faz o professor? Em algumas escolas, já se observa o processo de agrupamentos menores, dentro da própria classe. Separam-se os alunos, até em três grupos de acordo com suas habilidades, prolonga-se o horário de leitura, de aritmética ou de qualquer outra matéria de ensino. Um ou dois grupos trabalham sozinhos, enquanto a professora se ocupa com um terceiro. Geralmente, preconizam-se apenas dois grupos, uma vez que a exiguidade do tempo e do espaço, a insuficiência dos materiais existentes e a falta de preparação profissional não estimulam a formação de outros grupos.

Embora reconhecida por todos a excelência dessa prática - o agrupamento para a leitura e outras matérias - ela não tem sido difundida como deveria ser esperado. É que muitas escolas de três ou mais turnos não dispõem de tempo suficiente. De fato, a professora que trabalha em um turno de duas a três horas diárias, não se pode dar ao luxo de despendê-lo sessenta, setenta e até noventa minutos com uma disciplina, quando há tanto a fazer de um programa que precisa ser desenvolvido.

Na maioria dos casos, perduram as classes escolares nos moldes tradicionais, o que vem ocasionando uma repetência assustadora principalmente na primeira série - o ponto de estrangulamento do fluxo brasileiro - cuja matrícula representa a metade da população escolar, como vemos na tabela I.

Tabela I*

Séries	% da matrícula total
1ª	52
2ª	22
3ª	15
4ª	9
	100 +

Este fato, que ainda redunde em alta percentagem de evasão, vem preocupando seriamente as autoridades educacionais e administrativas. A repetência, além de suas conseqüências sociais e humanas, constitui gran de peso para a economia do país, quer pelo desperdício das verbas empregadas, quer porque entreve o desenvolvimento, uma vez que "a riqueza de uma nação depende, em última análise, da capacidade produtiva e dos níveis de educação de seu povo".

Ocorre ainda que, devido às repetências, a composição das classes é bastante variável, como se pode observar na tabela II, havendo na primeira série, crianças de 7 a 14 anos, dando-se o mesmo fato nas demais séries.

Tabela II*

Séries	% de crianças por idade							
	7 anos	8 anos	9 anos	10 anos	11 anos	12 anos	13 anos	14 anos
1	19	23	17	15	10	8	5	4
2	2	13	20	21	16	4	9	6
3	-	2	11	22	21	20	15	10
4	-	-	2	14	23	26	21	16

* Fonte - II Conf. Nacional de Educação - Documento nº 1

Como se sabe, a repetência na primeira série é quase sempre motivada pela aprendizagem da leitura, pois é sobre ela que incide a primeira avaliação escolar, severa e irredutível, só conseguindo a aprovação as crianças alfabetizadas.

É nesse quadro desolador que se debatem as professoras brasileiras, muitas, leigas, numa percentagem de 26,6%, dedicando, geralmente, meia, uma e até mais horas ao ensino da leitura, a grupos de quarenta a cinquenta alunos. Tomam a lição de alguns, de quantos podem, uma vez que é impossível uma assistência mais individualizada e contínua para todos, em classes tão numerosas!

Atualmente, nas escolas, especialmente nos grupos escolares, onde a população é numerosa, os educadores sugerem outras modalidades de organização horizontal dos alunos para a leitura - o agrupamento inter-classes.

Esse agrupamento pode ser feito na primeira série entre classes de novatos, entre repetentes ou entre as demais séries, quando as classes são organizadas por idade*. Em todos os casos, há de haver uma definição precisa do trabalho a ser executado, dos processos e medidas necessárias, como bem se poderá deduzir do plano que se segue.

Agrupamento Inter-classes na primeira série

O quadro III sintetiza toda a dinâmica dos grupos de leitura. Observando-se o primeiro esquema - Organização permanente das classes - (esquema 1), percebe-se que nessa escola há quatro classes de primeira série. Organizadas que sejam, por idade, por testes ou por qualquer outro critério, é natural que, após certo período de treino, comecem a surgir em cada uma as diferenças individuais. Na forma tradicional de ensino, cada professora trabalharia com a classe toda, tentando ajudar a uns e a outros, na medida do possível. Querendo adotar processo mais moderno, as professoras, na certa, procurarão separar os respectivos a-

* Ver o projeto: Reorganização das Classes por Idade nos Grupos Escolares, de Edith Berner e Maria Yvonne A. de Araujo - INTEP-MEC CB, 1267

lunos em dois ou mais grupos menores, dentro da própria classe: os adiantados, os médios, os mais fracos. Deprando-se daí, que, em do- de momento do ano letivo, haverá na escola dois grupos mais ou menos semelhantes, que funcionarão simultaneamente com quatro professoras, nas quatro classes. Considerando-se que o horário escolar é limitado e que limitados são também os recursos disponíveis, percebe-se o esforço que representa essa diversificação para algumas escolas.

Seria, portanto, aconselhável que, surgidas as diferenças indivi- duais, após um, ou dois meses de trabalho, as crianças fossem reagru- padas. As professoras dividiriam seus alunos entre si. De acôrdo com o agrupamento interclasses (esquema 2), uma professora ficaria com as crianças mais adiantadas provindas das classes A, B, C, D. As demais teriam os alunos médios e os que necessitam de maior assistência indivi- dual, sucessivamente. As aulas de leitura teriam, pois, a mesma du- ração e o mesmo horário, após o que, retornariam as crianças às respec- tivas classes para o trabalho diário. Conforme se deprando ainda dos esquemas 3 e 4, os grupos são flexíveis, havendo reajustamentos periódicos, quando necessário, durante o ano.

Em novembro ou dezembro (esquema 5) aplica-se o teste de leitura para promoção. Algumas crianças obterão resultados satisfatórios, ao nível do segundo ano; outras estarão em um período de transição; tendo, porém, nas demais disciplinas o desenvolvimento necessário à segunda sé- rie. Não é, pois, justo que repitam uma, duas ou mais vezes a mesma sé- rie. Prosseguirão com os demais, continuando, no próximo ano, do ponto em que ficaram. Os testes não têm como finalidade a promoção, ou não promoção. São índices para a futura professora que vai receber a turma. Vão mostrar-lhe as diferenças individuais e o que deve fazer com o grupo de crianças que recebe. Como prosseguir, no ensino da leitura, numa por- feita linha de continuidade.

Realmente a tarefa é difícil. É quase um mababrismo, dirão alguns, um passo de mágica prosseguir com cada criança no seu ritmo, no seu con-

passo, mas é a única maneira de o professor libertar-se da teoria e atender realmente às diferenças individuais.

Quadro III	Agrupamento Interclasses na Primeira Série							
Organização permanente das classes (esquema 1)								
<table border="1" style="width: 100%; text-align: center;"> <tr> <td style="width: 25%;">Classe A</td> <td style="width: 25%;">Classe B</td> <td style="width: 25%;">Classe C</td> <td style="width: 25%;">Classe D</td> </tr> </table>					Classe A	Classe B	Classe C	Classe D
Classe A	Classe B	Classe C	Classe D					
Primeiro agrupamento interclasses (esquema 2)								
Primeiro teste de avaliação (maio)	Pracos das classes	Médios das classes	Médios + das classes	Adiantados das classes				
	A-B-C-D	A-B-C-D	A-B-C-D	A-B-C-D				
Outros reagrupamentos necessários (esquema 3)								
Teste de fim de agosto								
	(esquema 4)							
Teste de fim de outubro								
	Possível rendimento dos grupos (esquema 5)							
Teste de início de dezembro	Primeira série	Transição	Nível inicial de 2ª série	Mais adiantados				

Uma variação de agrupamento

Uma variação no agrupamento interclasses na primeira série pode ser feita aproveitando-se o pessoal disponível da escola. (ver o quadro IV). É uma emergência, quando o problema da leitura se agrava de mais, com falta de tempo, escassez de material e as repetências tornam-se numerosas e frequentes. Professores excedentes, disponíveis, especializados, todos dariam sua ajuda aos professores de classes, dedicando um pouco de seu tempo ao ensino da leitura. Em determinado horário, seriam subdivididas as classes do primeiro ano, em tantos grupos, quantas fossem as pessoas disponíveis. Exemplificando: As quatro professoras das classes A, B, C, D e três disponíveis da escola formariam sete grupos, com maiores possibilidades de ensino individualizado, melhor aproveitamento dos alunos e probabilidade de menor índice de repetência.

quadro IV		Organização de grupos				
Professora da classe A	Profª da classe B	Profª da classe C	Profª da classe D	disponível	disponível	disponível

Essa participação consciente de todos no ensino da leitura seria uma resposta ao empenho do país na alfabetização, uma vez que o crescimento econômico e social depende em grande parte da educação - a estrutura básica do desenvolvimento.

No consecução dos objetivos desse projeto, fazem-se necessárias algumas medidas preliminares e paralelas, a saber:

- assegurar o apoio administrativo para instalar-se um plano-piloto, arregimentando-se pessoal e fundos adequados.
- Formar uma nova mentalidade para essas idéias. Algumas escolas só

conhecem e admitem a alternativa: passar ou repetir.

- Lutar contra as forças que pressionam a criança e o professor (e.g. no por exemplo: lar, escola, tradições, imposições administrativas), para que a leitura seja aprendida em um ano apenas.
- Preparar o professorado responsável, fazendo-se um planejamento adequado e indispensável a essa preparação.
- Selecionar escolas e pessoal para iniciar e levar avante o projeto.
- Traçar os objetivos a que se pretende chegar, nesse projeto, e fim de se fazer um planejamento cuidadoso do trabalho.
- Rever, adaptar, modificar, se necessário, os testes de prontidão e rendimento existentes no Estado para aplicá-los nas classes envolvidas nesse projeto. À falta desses testes - o que deve ser o mais comum no país - organizar-se-ão os testes que se fizerem necessários, a fim de que haja bons instrumentos de avaliação.
- Prover ou organizar material necessário ao período preparatório e aos outros estágios da primeira série.
- Fazer planejamentos periódicos subsequentes para os diferentes grupos, de acordo com suas necessidades.
- Registrar todas as atividades, fatos e reações dos grupos, ocorridos durante a execução do projeto.
- Assegurar, se necessário, a participação de outras pessoas do corpo docente da escola.
- Prover fundos e pessoal para a organização dos testes de rendimento.

- Modificar as práticas de promoção. As classes serão formadas por idade. As crianças que precisarem de ajuda especial terão essa assistência, de acordo com um planejamento adequado.
- Estender a área de trabalho a outras cidades, em benefício do Estado.
- Fazer campanhas entre escolas para se obter, mediante estímulo, maior percentagem de bons resultados. Incentivar professores para o projeto.
- Promover recursos através de órgãos como o INEP e DNE para as escolas se interessarem pelo projeto e, conseqüentemente, procurarem levá-lo avante.

Conclusões:

O agrupamento das crianças para a leitura apresenta certas vantagens que não podem ser desprezadas. Entre outras observam-se as seguintes:

Atendimento às diferenças individuais

As crianças não aprendem no mesmo ritmo. Um(a)s caminham mais rapidamente. Grupos flexíveis possibilitam um desenvolvimento dentro da capacidade de cada criança, sem a pressão de um grupo mais forte ou do tempo disponível.

Clima emocional favorável; nos grupos de leitura

Não há pressões sobre a criança para que aprenda e aprenda tão rapidamente quanto as outras (pressões dos pais, da escola, do professor, dos colegas, de si mesmo).

A criança não se sente inferior às outras e nem há bloqueios que a impeçam de aprender.

Eliminação
do problema
de repetência

As crianças estarão mais motivadas, devido à atenção que lhes é dispensada.

As crianças que repetem, de certa forma se desajustam porque não aprendem tão bem quanto os colegas promovidos. Progredirão sempre no seu ritmo, enquanto os outros avançarão normalmente.

Aprenderão mais rapidamente porque os planos serão feitos especialmente para elas.

Possibilidade
de grupos de
aceleração

As crianças terão grupos de aceleração de leitura, de acordo com sua capacidade e ritmo de aprendizagem e continuarão normalmente com seu grupo de idade, para o resto do programa.

Melhoria do
fluxo e maior
economia

As crianças não ficarão engarrafadas na primeira série, havendo, portanto, oportunidade para muitas outras que esperam a sua vez.

Mais tempo de
planejamento
para a profes-
sora

A professora, assoberbada pelas inúmeras tarefas escolares, não dispõe de muito tempo para fazer planejamentos diversificados, se contar com dois, três e até mais níveis de leitura em sua série. Assim, com um grupo, fará apenas um plano.

Mais tempo pa-
ra as outras
atividades, no
horário de todos
os dias

Cuidando de um grupo de leitura despende o resto do tempo com outras atividades, na própria classe.

Avaliação
periódica

A avaliação mais freqüente e objetiva, necessária ao flexionamento dos grupos leva a professora a um conhecimento melhor do grupo sob sua responsabilidade.

Os fatores que condicionam o maior ou menor aproveitamento das crianças são examinados em conjunto, com adoção das medidas necessárias, recomendações aos pais, etc.

Mais entusiasmo por parte dos pais, alunos e professores

Quanto mais entusiasmo sentir o professor pelo seu grupo, mais dedicado será, proporcionando-lhe toda a assistência necessária.

Repetência e evasão não são problemas que podem ser resolvidos ou suprimidos num toque de magia, nem com as medidas escolares já existentes. A análise dos fatores responsáveis mostra a necessidade das medidas aqui apresentadas e adaptadas, medidas estas que têm sido postas em prática em outras escolas com resultados satisfatórios.

Estudos
paralelos

- Estudo de uma assistência econômica efetiva.
- Intensificação das relações lar e escola para melhor assistência à criança.
- Informação às escolas normais sobre o projeto e divulgação de novas idéias.
- Estudo do sistema administrativo.
- Redução do tamanho de classes de 1.ª série.

Administradores e professores devem considerar realmente o problema das diferenças individuais. Qualquer mudança implica em estudo criterioso da situação existente e das mudanças que lhe são mais adequadas.

YA/cv
Em 21/11/1967

MEC/INEP/USAID

EATEP

O PAPEL DO CURRÍCULO NO

IMPLEMENTO DO PLANO PILOTO

GB - Março - 1968

O PAPEL DO CURRÍCULO NO IMPLEMENTO DO PLANO PILÔTO

A escola é criada com o objetivo de concretizar as aspirações de um país em relação a seu povo, considerando-se cada pessoa e a coletividade.

A palavra "escola" sugere "aprendizagem", como "aprendizagem" sugere "currículo" - instrumento básico para o ensino. Escola e currículo são dois termos que se tornam quase sinônimos. É entretanto, o currículo, em seu sentido mais profundo, que deve ser considerado para melhorar a qualidade dos resultados educacionais.

Um currículo moderno abrange não apenas o conteúdo de estudo, mas também sua organização para o ensino e aprendizagem. Em torno do currículo centralizam-se todas as outras áreas da educação (supervisão, administração, preparação de professores etc.), assistindo-o no desenvolvimento das experiências de ensino as quais produzirão os resultados em vista.

Como as maiores mudanças no currículo podem tornar necessárias às mudanças nos materiais e métodos de ensino na supervisão e mesmo na política administrativa, deve o currículo assumir a liderança que deve conduzir todas as revisões que devem ser feitas. Necessariamente é o currículo que deve determinar a direção que essas áreas de apoio devem tomar, razão por que a tarefa seguinte é o desenvolvimento do novo currículo com o apoio desses sub-sistemas com ele relacionados.

Apesar de o trabalho que se segue prender-se somente à série, é necessário dar-se uma visão geral do plano em conjunto, a fim de se imprimir uma direção para conseguir os objetivos fundamentais.

— 0 0 0 —

Vamos, primeiro, clhar as páginas seguintes a fim de chegarmos ao conhecimento não só da extensão do trabalho que deve ser feito, mas também de algumas idéias básicas para o início do planejamento.

PRINCIPAIS ÁREAS DE DESENVOLVIMENTO PARA O INÍCIO DAS MUDANÇAS
DE CURRÍCULO NO PLANO VISUAL

I. Organização do Currículo

1. Mínimo a alcançar num currículo básico da 1ª a 6ª séries
2. Diretrizes para variações:
 - . destinadas a escolas em áreas privilegiadas
 - . destinadas a escolas com necessidades locais peculiares

II. Desenvolvimento de Materiais Didáticos

1. Materiais de ensino para crianças
 - . aumento da produção de textos atualmente recomendados
 - . novos materiais e textos básicos de acordo com as exigências do currículo
 - . materiais audiovisuais básicos
 - . materiais especiais para crianças acima da faixa etária numa determinada série
 - . materiais para currículos especializados ou para regiões específicas.
2. Materiais para professores
 - . guias de ensino
 - . guias de novos materiais de ensino para uso dos professores
 - . materiais profissionais para treinamento de professores em exercício e materiais para uma base melhor em didática.
3. Programas de testes
 - . prontidão para a leitura
 - . desenvolvimento progressivo das habilidades em cada disciplina
 - . maturidade mental

III. Treinamento para professores em exercício

1. orientação específica para os novos programas
2. assistência contínua no desenvolvimento do programa
3. nas áreas pedagógicas, quando necessário

IV. Medidas administrativas

1. obrigatoriedade das leis de frequência compulsória
2. regularização das classes pela faixa etária
3. agrupamento de crianças para ensino especial nas habilitadas de áreas básicas, quando necessário
4. administração de um programa básico de testes
5. adesão a políticas sadias de promoção de alunos
6. desenvolvimento de um sistema de registro cumulativo de alunos.

MEDIDAS BÁSICAS PARA O PLANEJAMENTO DO CURRÍCULOI ATRIBUIÇÕES DOS ÓRGÃOS ESTADUAIS1ª FASE INICIAL DO PLANEJAMENTO DO CURRÍCULO

Recursos

Constituição - Finalidades da Educação
 Lei de Diretrizes e Bases - Objetivos da
 Educação Nacional
 Análise das necessidades sociológicas do Estado
 Trabalhos da EATEP

- Objetivos da Educação Primária
- Guia para Análise dos Problemas do Currículo na Escola Primária

Tempo: _____

Conselho Estadual
de EducaçãoSecretaria de
Educação e Cul
turaDepartamento de
Educação Primária

- Determinar os principais objetivos a serem atingidos pelas escolas, de acordo com as necessidades sociais.
- Chegar a uma concordância quanto à filosofia ou princípios aceitáveis na educação primária.
- Vencer os obstáculos para atingir os objetivos desejados.
- Estabelecer uma política educacional básica: matrícula, frequência, promoção, etc.
- Esquematizar as medidas administrativas que devem ser tomadas a fim de que seja iniciada a mudança.

Discussão:

I ATRIBUIÇÕES DOS ÓRGÃOS ESTADUAIS (cont.)

2ª FASE DO PLANEJAMENTO DO CURRÍCULO

Recursos

Trabalho da EATEP

- . Guia para Análise dos Problemas do Currículo na Escola Primária

Assistência e Orientação da EATEP

Tempo: _____

Departamento de Educação

Núcleos de Supervisão
Delegacias de Ensino, etc.

- . Traçar a estrutura geral do currículo, para identificar as principais áreas e situações de vida em torno das quais o programa de ensino será desenvolvido.
- . Determinar a seqüência progressiva de estudo em cada matéria da 1ª a 4ª série (5ª ou 6ª).
- . Fixar a extensão do currículo em cada série.
- . Desenvolver unidades típicas de estudo em cada matéria.
- . Esquematizar planos para adaptação do currículo, de acordo com as necessidades locais ou especiais.
- . Fazer levantamento do material didático
 - Preparar listas de textos atualizados e aprovados.
 - Providenciar a elaboração de novos materiais.
- . Fazer um planejamento para a organização de testes básicos.

Discussão:

II. IMPLEMENTO DO CURRÍCULO

1ª FASE: ADAPTAÇÃO DO CURRÍCULO À SITUAÇÃO LOCAL

Recursos

Currículo básico do Estado
 Trabalhos da EATEP
 . Critérios para a avaliação do currículo
 . Guia para o programa de ensino
 Serviço de orientação da EATEP

Tempo: _____

Supervisores

Corpo Docente da Escola



- . Selecionar conteúdo do programa, de acôrdo com os recursos e necessidades locais.
- . Selecionar material de ensino adequado
- . Organizar o conteúdo para uma aprendizagem efetiva, levando-se em consideração certos elementos como:
 - tipos de escola (urbanas, rurais, isoladas, etc.)
 - número de alunos, salas de aula, professores, etc.
 - disponibilidade de tempo (escola de um, dois, três, quatro turnos).
 - Fazer o planejamento de avaliação.

Discussão:

II IMPLEMENTO DO CURRÍCULO

2ª FASE: DESENVOLVIMENTO DO CURRÍCULO NA CLASSERecursos

Trabalhos da EATEP

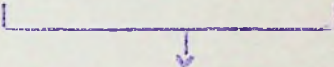
- . Guia para avaliação de programa de ensino
- . Características de uma boa experiência de aprendizagem.

Material para o auto-aperfeiçoamento do professor.

Tempo: _____

Professor

Aluno

- 
- . Selecionar, planejar e desenvolver atividades que sejam importantes e significativas para a criança.
 - . Fazer avaliações constantes do progresso de cada criança e do grupo.

Discussão:

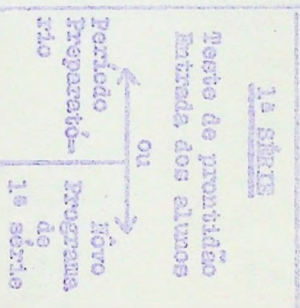
para a REPRATILHEMENTO O D O N O V O

1. Organizar o currículo
 - programa preparatório para crianças desfavorecidas
 - currículo básico de primeira série
2. Preparar materiais de ensino adequados ao currículo
3. Manter e executar programa de orientação p^o profs. de 1^a série
4. Organizar testes de prontidão para leitura
5. Preparar unidades suplementares para os alunos com idade superior à série que frequentam e elaborar material adequado a essas unidades

IDADE ANO Período preparatório

2^a 3^a 4^a 5^a 6^a Sete de 1966 EVB

1. Organizar o currículo de 2^a série
2. Preparar materiais de ensino
3. Organizar treinamento para professores de 2^a série (profs. que estão regendo a classe)
4. Organizar testes de aproveitamento para verificar o progresso na leitura dos anos 1 e 2
5. Continuar a elaboração de materiais suplementares para necessidades especiais.



- 1-3 Considerar os itens da 1^a série Preparar para a 3^a série
4. Organizar bateria de testes de aproveitamento nas habilidades fundamentais 1^a, 2^a, 3^a séries

Programa Novo

- 1-3 Considerar os itens da 1^a s. Preparar para a 4^a série
4. Começar a organização de bateria de testes de aproveitamento para a 4^a, 5^a e 6^a séries

Programa Novo

- 1-5 Considerar os itens da 1^a série Preparar para a 5^a s.
4. Continuar a organização de bateria de testes de aproveitamento

Programa Novo

- 1-4 Preparar para a 6^a série Considerar os itens da 1^a série.

Programa Novo

Programa Novo

7-8 anos 1968

8-9 anos 1969

9-10 anos 1970

10-11 anos 1971

11-12 anos 1972

12-14 anos 1973

MEC/INEP/USAID
EATEP

SITUAÇÃO DO ENSINO PRIMÁRIO NOS ESTADOS DE PERNAMBUCO,
ESPÍRITO SANTO, MINAS GERAIS e NAS RESPECTIVAS
CAPITAIS

Fonte: Anuário Estatístico de 1967 - IBGE

GD- Março 1968

SITUAÇÃO DO ENSINO PRIMÁRIO, POR SÉRIE - 1965

UNIDADES DA FEDERAÇÃO

Unidades da Federação	M a t r í c u l a					A p r o v a ç õ e s				
	TOTAL	1ª	2ª	3ª	4ª	TOTAL	1ª	2ª	3ª	4ª
Pernambuco	485.442	305.546	72.291	50.902	34.260	333.492	185.648	57.019	41.974	29.142
Esp. Santo	209.841	111.917	40.362	30.818	20.638	113.274	44.674	27.747	21.072	15.079
M. Gerais	1.782.063	875.098	372.714	267.154	159.371	924.536	386.323	227.618	173.218	118.643

SITUAÇÃO DO ENSINO PRIMÁRIO, POR SÉRIE - 1965

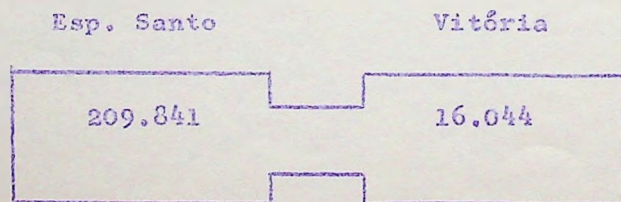
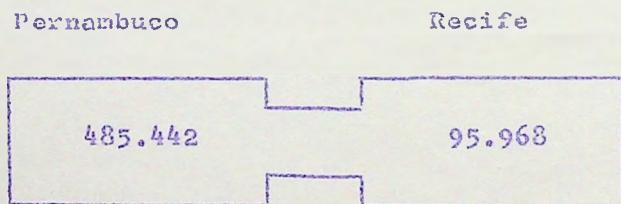
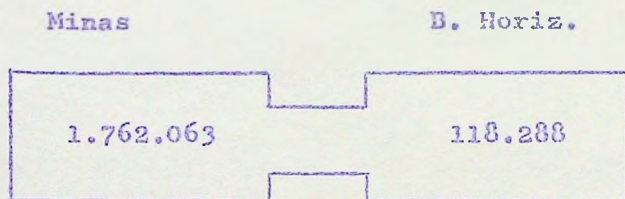
MUNICÍPIOS DAS CAPITALS

Municípios das Capitais	M a t r í c u l a					A p r o v a ç õ e s				
	TOTAL	1ª	2ª	3ª	4ª	TOTAL	1ª	2ª	3ª	4ª
Pernambuco	95.968	41.553	18.459	14.928	11.402	84.470	34.651	16.332	13.777	11.044
Esp. Santo	16.044	6.320	3.326	2.913	2.172	10.093	2.922	2.443	2.142	1.613
M. Gerais	118.228	50.126	27.206	21.571	16.509	86.807	27.455	22.032	18.647	16.493

MATRÍCULA NOS 3 ESTADOS

E NAS 3 CAPITAIS

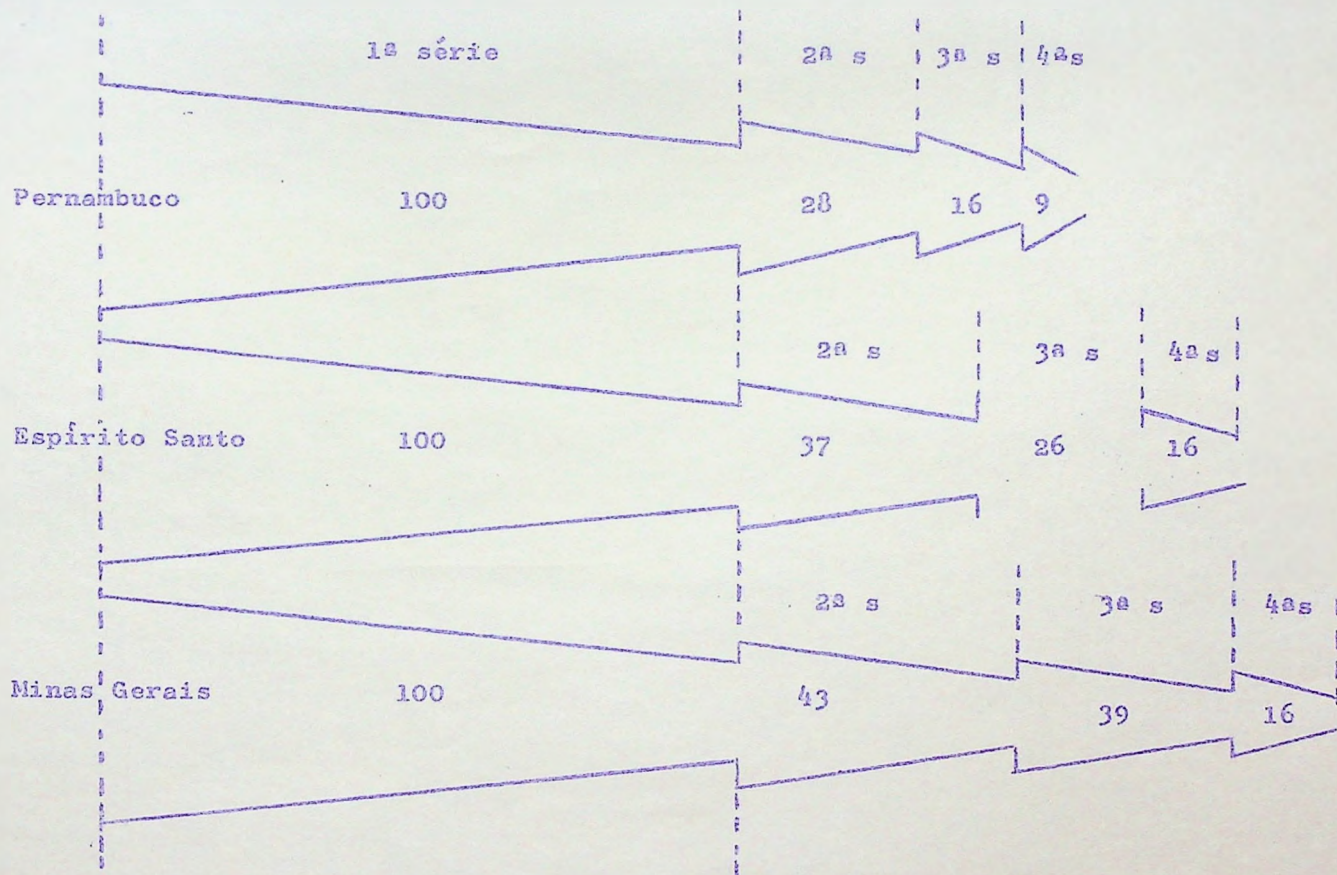
EM 1965



População (estimada para 1965)

Minas	10.747.000
Pernambuco.....	4.476.000
Esp. Santo	1.371.000
B. Horizonte ..	956.000
Recife	973.000
Vitória	109.000

FLUXO DOS ALUNOS PELAS SÉRIES ESCOLARES, EM RELAÇÃO
A 100 MATRÍCULAS DE 1ª SÉRIE



Fonte: Índices calculados sobre resultados do Censo Escolar - 1964
Volume II (tabela publicada nos Anais da II Conferência Nacional de
Educação, Porto Alegre, 1966 - vol. 1, pág. 114)

26/3/1968

Pontos para discussão

1. Que espécie de crianças vamos ter em nosso plano-pilôto?
2. Qual será a prontidão desse grupo para aprender?
 - Em que aspectos serão estas crianças mais deficientes?
3. Como determinaremos o grau de prontidão de cada criança?
4. Qual a tarefa da escola na preparação para a aprendizagem?
5. Que tipo de programa poderemos desenvolver para essas crianças?
 - Quais os aspectos básicos que devem ser considerados?
6. Que tipo de material será necessário?

* * *

ESTRUTURA BÁSICA DE UM CURRÍCULO

(Ilustração em Estudos Sociais)

1º	2º	3º	4º	5º	6º
VIDA NA VIZINHANÇA DA CRIANÇA	VIDA NA COMUNIDADE LOCAL	VIDA NO ESTADO	VIDA NAS REGIÕES DO BRASIL	I. O BRASIL ATRAVÉS DOS TEMPOS	O MUNDO
I. Vida na Escola	- Tipos de trabalho (profissões)	I. O Estado Atual	- Estudo dos processos e problemas de vida	II. INTERDEPENDÊNCIA DO BRASIL COM O MUNDO	Características específicas dos diversos países
II. Vida no Lar	- Produção	II. O Estado no passado:			- Formas Básicas de Governo
III. Que observamos em nossa comunidade	- Transportes	Como se formou e desenvolveu o nosso Estado.			- Desenvolvimento
	- Comunicação				- Interdependência
	- Educação				- Problemas
	- Governo				
	- Recreação				
	- Etc.				
ACONTECIMENTOS ATUAIS					
COMEMORAÇÕES CÍVICAS E SOCIAIS					

VIDA NA ESCOLA

Como é a vida na escola

O b j e t i v o s	Conteúdo Programático	Atividades de desenvolvimento e fixação
<p>E.S.: - Compreender que a vida na escola possui aspectos diferentes da vida em família.</p> <p>- Obedecer as regras da escola.</p> <p>- Conhecer as pessoas que trabalham na escola e suas atribuições.</p> <p>- Perceber a interdependência das pessoas que trabalham na escola.</p> <p>C.N.: - Compreender que as coisas são descobertas com os diferentes sentidos.</p> <p>- Compreender que o sol, a chuva influem nas atividades escolares.</p> <p>- Compreender que o vestuário varia de acordo com o calor e frio.</p> <p>Linguagem: - Desenvolver a expressão natural.</p> <p>- Participar de conversas.</p> <p>- Registrar por meio de desenhos, suas observações.</p> <p>- Desenvolver a habilidade da escrita por meio da cópia do nome do aluno, da professora, da diretora.</p>	<p>- Pessoas que trabalham na escola: alunos, professores, diretora, funcionários. Suas atribuições.</p> <p>- Atividades escolares: aulas, merenda, recreio, festividades</p> <p>- Calendário escolar: dias de trabalho, dias em que não há aulas. Influência do tempo nas atividades da escola. Horário.</p> <p>- Contribuição da criança para o bom andamento na vida da escola.</p>	<p>Conversas</p> <p>Observações dirigidas</p> <p>Dramatizações espontâneas</p> <p>- Entrevistas</p> <p>- Desenhos</p> <p>- Escrita</p> <p>- Registro no calendário</p> <p><u>Atividades de avaliação</u></p> <p>Observações da professora</p> <p>Perguntas sobre o assunto</p> <p>Desenhos</p> <p>Obs.: Destacar sempre o uso dos diversos sentidos na execução das atividades.</p>

Como é a

vida na escola

Ciências Naturais

Participar de conversas e outras atividades de Linguagem
 Registrar, por meio de desenhos, suas observações (e o da diretora)
 Desenvolver seu próprio nome, o da professora (e o da diretora)

Participar de conversas e outras atividades de Linguagem
 Registrar, por meio de desenhos, suas observações (e o da diretora)
 Desenvolver seu próprio nome, o da professora (e o da diretora)

Participar de conversas e outras atividades de Linguagem
 Registrar, por meio de desenhos, suas observações (e o da diretora)
 Desenvolver seu próprio nome, o da professora (e o da diretora)

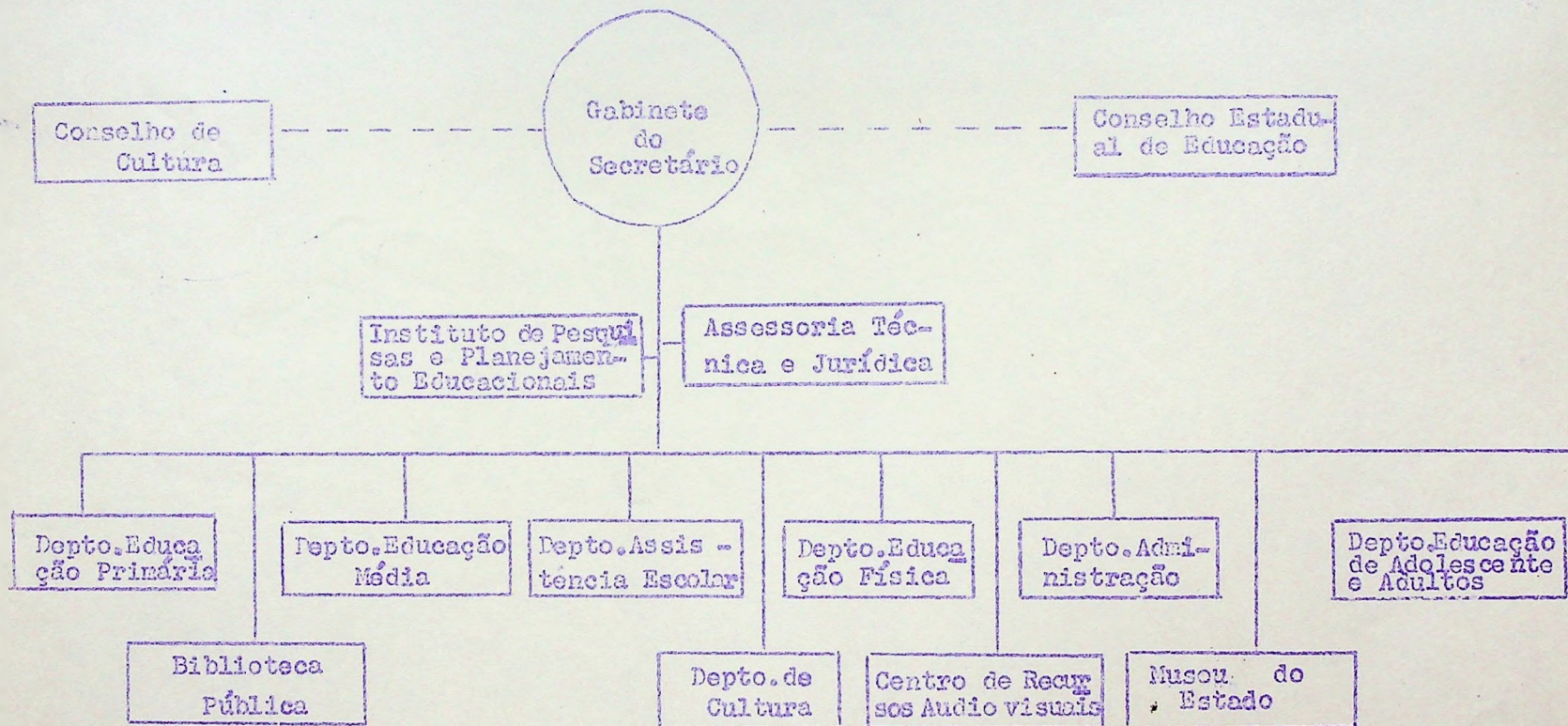
Linguagem

- Pessoas que trabalham na Escola;
- Atividades escolares;
- Calendário escolar
- Contribuições da criança na vida da escola.

Compreender que a vida na escola possui aspectos diferentes da vida em família
 Obedecer o regulamento da escola
 Conhecer pessoas que trabalham na escola e suas atribuições
 Perceber a interdependência das pessoas que trabalham na escola
 Valorizar o trabalho das pessoas

Estudos Sociais

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO



ENDERECOS

PROFESSORES PARTICIPANTES DA
II SEMANA DE ESTUDOS - EATEP

PERNAMBUCO

1. BERENICE SOARES BASTOS

Rocha Pita, 50 - Stõ. Amaro - Fone 2-4823
Recife - Pernambuco

2. ALAIDE GOUVEIA MACHADO

Aurora, 573 - apt 302 - Fone 2-5697
Recife - Pernambuco

3. ANGELA DE ALENCAR NETA

Av Padre Ilapina, 147 - Tejipio
Recife - Pe

4. MARIA ANGELA GOUVEIA DE MELO

Estrada de Belém, 179 - Encruzilhada - Re
Fone: 20434

5. JACIRA DA SILVA CÂMARA

Rua José Higino - 141 - Madalena - Recife. Pe
Fone - 80786

6. AURORA TABOSA

Rua Taleão de Lacerda, 649 Tejipio Recife

ESPÍRITO SANTO

1. REGINA LÚCIA GIANORDOLI

Rua 13 de maio, 89 Vitória - Espírito Santo - Fone - 2-3894

2. BERNARDETE GOMES

Avenida Vitória 50 - Vitória - Espírito Santo

(Cont.) - Enderços Profs. Participantes da II Semana de
Estudos - EATEP.

ESPÍRITO SANTO

3. GILVETE RODRIGUES BASTOS

Rua do Quintém, 45 apto 203 - Vitória - E. Santo

4. IZETTE PRALON SANTOS

Rua Ganna Rosa, 134 - Vitória - E. Santo - Postal 911

5. MARIA DA GLORIA CUNHA

Rua José Marcelino, 203 - Vitória - Grp. Santo

6. MARIA TOSTA DE ALMEIDA

Rua Venezuela 80 Jardim América - Vitória - E. Santo

7. ALDA SANT'ANNA

Rua 23 de Maio, 295 - Vila Velha - E. Santo

MINAS GERAIS

1. ELZA DE BASTOS

R. Pom. Antônio Alves - 1350 - Pedro Leopoldo - M. Gerais

2. MARIA DE LOURDES ALMEIDA

R. Bernardo Guimarães 1297 Ap. 104 Belo Horizonte

GUANABARA

1. MATHA ALBUQUERQUE

Rua Donald de Carvalho, 266 ap. 702 - Cap. Guanabara

(Cont.) - GUANABARA

EATEP - Equipe de Assistência Técnica ao Ensino Primário

Travessa Guimarães Natal, 12 - Copacabana - tel.: 37-1897

1. LYRA PAIXÃO
2. DIVA DE MOURA DINIZ COSTA
3. MARIA YVONNE ATALÉCIO DE ARAÚJO
4. EDITH V. BERNER
5. EUNICE C. MACEDO ROSA
6. MARZA DIVANETE VIEIRA

DR. FRANK T. LANE

USAID - Edifício Lucrecia Costa, Recife

DR. MONROE D. COHEN

Rua Sacopá 26

* * *

Outros Enderêços úteis na GUANABARA

Diretor INEP

Palácio da Cultura
Rua da Imprensa, 16 - 10º andar sala 1002 - Fone: 42-7951

CBPE - (Publicações) - INEP

Rua Voluntários da Pátria, 107, Botafogo

COLTED - Almirante Barroso, 90 - tel: 42-9274 (D. Anamira)

USAID - Rua Melvin Jones, 5 tel.: 32-5820

ramal - 256 - Dr. Cohen
" - 253 - Miss Luella K.
" - 262 - Dr. Leavitt
